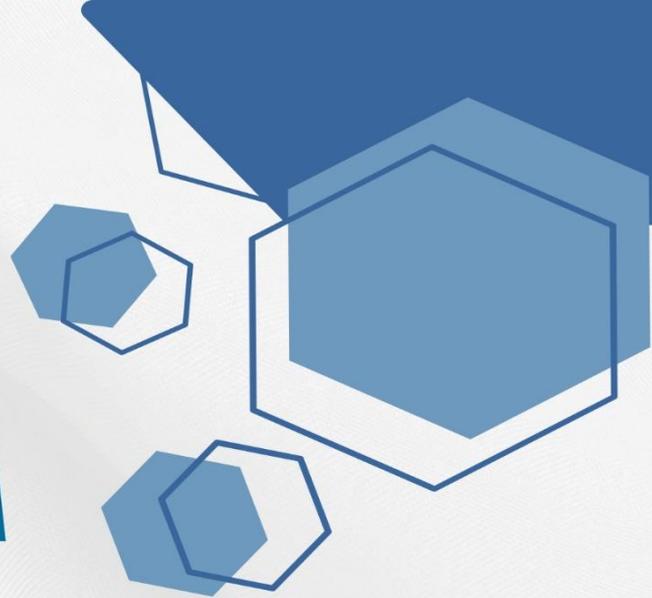


EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA DE TRABALHO ACADÊMICO: CONTRIBUIÇÕES DO PIP FILO 02

**José Soares das Chagas
Roberto Francisco de Carvalho
Paulo Sérgio Gomes Soares
Leandro Ferreira da Silva
Ana Cláudia Batista Cardoso
Adriano Luiz Maropo
Igor Santos Lopes
Abraão Mittelstad Souza
David Rodrigues de Castro
João Vitor W. M. M. dos Santos
Clemisson Machado Batista
Fábio Nunes Barros**



autores:

José Soares das Chagas

Roberto Francisco de Carvalho

Paulo Sérgio Gomes Soares

Leandro Ferreira da Silva

Ana Cláudia Batista Cardoso

Adriano Luiz Maropo

Igor Santos Lopes

Abraão Mittelstad Souza

David Rodrigues de Castro

João Vitor W. M. M. dos Santos

Clemisson Machado Batista

Fábio Nunes Barros

EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA DE TRABALHO ACADÊMICO: CONTRIBUIÇÕES DO PIP FILO 02



VirtualBooks Editora

© Copyright 2024, José Soares das Chagas, Roberto Francisco de Carvalho, Paulo Sérgio Gomes Soares, Leandro Ferreira da Silva, Ana Cláudia Batista Cardoso, Adriano Luiz Maropo, Igor Santos Lopes, Abraão Mittelstad Souza, David Rodrigues de Castro, João Vitor W. M. M. dos Santos, Clemisson Machado Batista, Fábio Nunes Barros

1ª edição

(Publicado em janeiro de 2024)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

José Soares das Chagas, Roberto Francisco de Carvalho, Paulo Sérgio Gomes Soares, Leandro Ferreira da Silva, Ana Cláudia Batista Cardoso, Adriano Luiz Maropo, Igor Santos Lopes, Abraão Mittelstad Souza, David Rodrigues de Castro, João Vitor W. M. M. dos Santos, Clemisson Machado Batista, Fábio Nunes Barros

EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA DE TRABALHO ACADÊMICO: CONTRIBUIÇÕES DO PIP FILO 02 Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2024. E-book, formato PDF.

ISBN 978-65-5606-822-0

CDD- 370 Educação. Brasil. Título.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Mendonça \ editor

Assistente editorial \ Geovanna Gravet

Revisora \ Jacqueline Hagop

Preparador de texto \ Janaína Jaakko Mello

Cao Ypiranga \ designer

Livro publicado pela
VIRTUALBOOKS EDITORA – livros impressos e e-books.
<http://www.virtualbooks.com.br>
Fone / WhatsApp (37) 99173-3583 - capasvb@gmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA - PIIP
CURSO DE FILOSOFIA**

**EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA DE TRABALHO ACADÊMICO:
CONTRIBUIÇÕES DO PIP FILO 02**

Autores

José Soares das Chagas
Roberto Francisco Carvalho
Paulo Sérgio Gomes Soares
Leandro Ferreira da Silva
Ana Cláudia Batista Cardoso
Adriano Luiz Maropo
Igor Santos Lopes
Abraão Mittelstad Souza
David Rodrigues de Castro
João Vitor W. M. M. dos Santos
Clemisson Machado Batista
Fábio Nunes Barros

**PALMAS – TO
2024**

“O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos.

É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente.” (Larrosa)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
1 EXPERIÊNCIAS E METODOLOGIAS DE TRABALHO E PESQUISA	12
1.1 Método e metodologia	23
1.2 Projeto de ensino, pesquisa e extensão	33
1.3 Metodologia de planejamento	38
1.3.2 PBL e o 5w2h: planos de ações dos mips.....	40
1.3.3 Interdisciplinaridade e aprendizado baseado em problemas/projetos (PBL)	47
2 METODOLOGIA DE ESCRITA ACADÊMICA	50
2.1 A necessidade de aprender pela experiência na Universidade	50
2.2 A necessidade de falar de metodologia	51
2.3 Técnica de estudo e gêneros acadêmicos	51
2.3.1 Técnica pomodoro.....	52
2.3.2 Elaborando trabalhos acadêmicos	53
2.3.2.1 <i>Monografia</i>	54
2.3.2.1.1 Elementos pré-textuais	55
2.3.2.1.2 Resumo	56
2.3.2.1.3 Introdução.....	56
2.3.2.1.4 Desenvolvimento	58
2.3.2.1.5 Conclusão.....	59
2.3.2.1.6 Citações	59
2.3.2.1.7 Notas de rodapé	60
2.3.2.1.8 Referências bibliográficas	60
2.3.2.2 <i>Seminário</i>	61
2.3.2.2.1 O que é um seminário?	61

2.3.2.2.2 Para que serve um seminário?	61
2.3.2.2.3 Como preparar um seminário?.....	61
3 OFICINAS: FERRAMENTAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA EDUCAÇÃO E VIDA ACADÊMICA	66
3.1 Como criar o seu currículo <i>lattes</i>	66
3.2 Como editar um vídeo e postar no youtube para incrementar sua aula.....	70
3.3 Uso do canva no trabalho discente e docente	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	93

PREFÁCIO

O Projeto de Inovação Pedagógica de Filosofia PIP FILO é uma iniciativa ligada ao Programa Institucional de Inovação Pedagógica PIIP da Universidade Federal do Tocantins coordenado pela Pró-reitoria de Graduação em colaboração com a Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação e a Pró-reitoria de Extensão. Na verdade, esta iniciativa está ligada aos esforços do curso de Filosofia em responder ao imperativo de inovação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) no seu quadriênio 2021-2025 por meio deste Programa integrador coordenado pela PROGRAD.

O PIP FILO é uma iniciativa interdisciplinar que busca desenvolver ações para o incremento das práticas didáticas, para a assessoria pedagógica dos estudantes e professores (mormente do curso de filosofia, mas também aberto para outros cursos e para o público externo). A partir desta perspectiva, resolvemos intitular este projeto de Central de apoio pedagógico da filosofia, exatamente porque serve de suporte de atendimento para as dificuldades oriundas do uso das tecnologias necessárias para o estudo neste nosso mundo doravante digital e, também, para o acesso às políticas de assistência estudantil que passam por plataformas digitais. Além disso, a equipe do PIP FILO também presta um trabalho de suporte aos estudantes e professores, criando artes de divulgação, organizando (ou auxiliando em) eventos, cursos e oficinas.

Dada a natureza de suporte pedagógico, os trabalhos desenvolvidos em 2023 começaram com a indagação sobre qual questão interdisciplinar deveríamos focar para atuarmos pesquisando e desenvolvendo ações. O grande problema que entendemos que deveria ser priorizado foi a experiência de escrita acadêmica. Visto que a realidade dos nossos estudantes é, em grande parte, de vulnerabilidade socioeconômica, percebemos que uma grande dificuldade destes discentes para acompanhar os estudos universitários é a leitura e escrita acadêmica. Eles mesmos indicaram isso numa enquete realizada pelo Centro Acadêmico de Filosofia em parceria com o PIP FILO.

A partir destas constatações e desafios, iniciamos nossa pesquisa e organizamos nossos trabalhos por meio da Aprendizagem Baseada em Problemas, o

que levou cada Monitor de Inovação Pedagógica (MIPs) a pesquisar conceitos e procedimentos que pudessem se traduzir em ações ou subprojetos. Estes foram acompanhados pelos Tutores (2022 e 2023) que os auxiliaram no planejamento e na execução de suas propostas. O estudo para embasar a atividade se inspirou em Paulo Freire, Edgar Morin e Rancière, porém os autores que estudamos nas nossas reuniões de segunda-feira foram Umberto Eco, Jorge Larrosa e Walter Benjamin, além de questões sobre metodologia acadêmica.

Em forma de sala de aula invertida, os MIPs estudavam em casa o material disponibilizado e, em nosso encontro semanal, traziam os objetos de aprendizagem utilizando alguma ferramenta de gamificação. Com base nisso, construiu-se o embasamento filosófico e pedagógico para as ações de intervenção do projeto e, também, para desenvolver um produto de auxílio pedagógico aos estudantes e interessados em geral. A ideia seria a de dar continuidade a série já iniciada com o ebook 01 que tratou de ferramentas digitais para o desenvolvimento do ensino híbrido.

Resolvemos, então, continuar o trabalho do ebook 02 e iniciar o ebook 03 apresentando as ferramentas de gamificação e a experiência do uso em nossos encontros. O ebook 03 ficou em aberto, porém o ebook 02 se materializou neste texto que aqui entregamos a vocês leitores para que possam conhecer a nossa experiência e o que entendemos por experiência (capítulo 01); para que vejam de forma simples métodos de estudo que serviram para nossos MIPs na escrita de seus textos acadêmicos; e, também, para que se possa entender a metodologia, regras e dicas de como escrever um monografia e preparar um seminário de forma simples, quase informal, por meio da experiência dos próprios estudantes que pesquisaram o Manual de normatização da UFT e traduziram a partir da suas próprias experiências de estudantes de graduação (capítulo 02).

Dando ênfase à pesquisa e extensão, mas sem se esquecer do ensino, no capítulo 03 apresentamos ferramentas de edição de vídeo para o youtube e do uso do canva, além de entregar um tutorial para auxiliar os estudantes novatos na graduação a criar o seu próprio currículo *lattes*. Tudo isso com o suporte dos vídeos ilustrativos presentes no canal do youtube do PIP FILO.

Assim, entregamos este material didático que carrega a nossa experiência e empenho de trabalho colaborativo. Esperamos que este livro sirva para os estudantes que precisam pesquisar e escrever textos acadêmicos, mas sirva também para os docentes e formadores em geral que, ao conhecer nossa experiência, possam

despertar novas ideias e modos de pesquisar e ensinar. Nosso conselho sobre este ebook: use-o sem moderação!

José Soares das Chagas
Palmas-TO, verão de 2024



Olá! Sou
Professor José e
estarei te
acompanhando
nesse e-book!



E eu sou a Ana, prazer!
Também estarei com
vocês nessa jornada.

1 EXPERIÊNCIAS E METODOLOGIAS DE TRABALHO E PESQUISA

Para desenvolver uma tarefa ou realizar um projeto (seja de pesquisa ou seja de planejamento) se faz necessário um conjunto de procedimentos, estratégias e muito trabalho. Porém, o que geralmente não se tematiza ao se falar de vida acadêmica, projetos e pesquisa é a especificidade do fazer em questão e a própria experiência. O automatismo e as “cópias” podem se tornar uma resultante desta falta de saber sobre si mesmo e sobre a produção do conhecimento.

Um conhecimento sobre o conhecimento, que é também um conhecimento sobre a experiência, faz-se necessário para que a nossa prática-conhecimento possa corresponder ao intento de ser uma experiência filosófica e pedagógica de ensino, pesquisa e extensão. Com este ânimo filosófico e pedagógico, o nosso Projeto de Inovação Pedagógica PIP FILO iniciou a sua pesquisa questionando sobre o que é a experiência.

Como em quase todo início de reflexão filosófica, a gente começou por algo aparentemente óbvio. Como diz Darcy Ribeiro (1986), parece que o trabalho dos “cientistas” é questionar sobre o óbvio. De fato, durante muito tempo, pareceu óbvio que o sol girava em torno da terra, de que os pobres eram culpados de sua pobreza, de que os ricos eram caridosos e de que o Brasil era um país de “vira-latas”.

A filosofia, também, começa com algo aparentemente simples, óbvio, para terminar no complexo como falara Russel em algum lugar de sua obra. Não por querer complicar e produzir um material invertebrado e gasoso, mas para se humanizar e para prejudicar e incomodar à tolice (DELEUZE, 1976).

No caso da experiência, o que parece óbvio é que já sabemos o suficiente sobre o assunto e que não é importante nos perguntarmos por algo que já está pressuposto nas nossas ações. Ora, o que seria o nosso *curriculum lattes* ou *vitae* senão o retrato de nossas experiências acadêmicas? E o que seriam os laboratórios senão ambientes herméticos da mais alta e refinada experiência (a científica)? De igual modo, quando falamos de inovação pedagógica pretendemos que estamos, obviamente, produzindo experiências inovadoras.

Então, se está tão claro, por que perder tempo com este assunto? Primeiro, pelo que já falamos: a vida e o trabalho sem reflexão produzem automatismo e uma vida não humana; depois, porque filósofos e filósofas não são realmente filósofos e filósofas se não são desconfiados e desconfiadas. Quem quer viver pleno de certezas

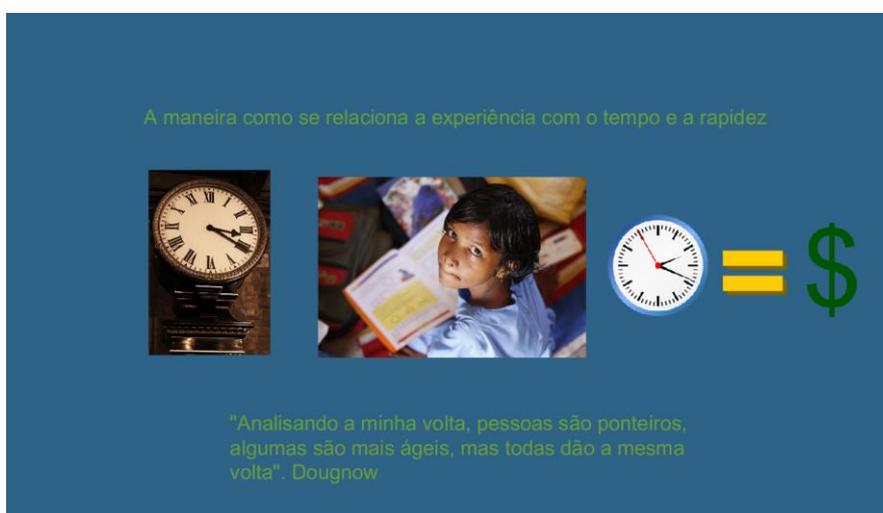
deve abandonar a filosofia, pois, como já falaram por aí (salvo engano, Fernando Savater), “é próprio das almas grandes e profundas atormentar-se: as tempestades ocorrem no mar, não nas poças”.



E foi exatamente em forma de “tempestade” que começamos nossas pesquisas.

Tomamos por base um texto do filósofo e educador espanhol ainda vivo Jorge Larossa intitulado “Notas sobre experiência e o saber da experiência” e um outro do filósofo alemão da Escola de Frankfurt Walter Benjamin: “Experiência e pobreza”. Os Monitores de Inovação Pedagógica (MIPs) juntamente com o Tutor e o coordenador do PIP FILO estudaram e, no encontro semanal, compartilharam o que tinham lido - por meio da ferramenta *Jamboard* do *google work space* - fazendo uma ponte com aquilo que entendemos no nosso cotidiano como sendo experiência, conforme imagens, abaixo:

Imagem 1:



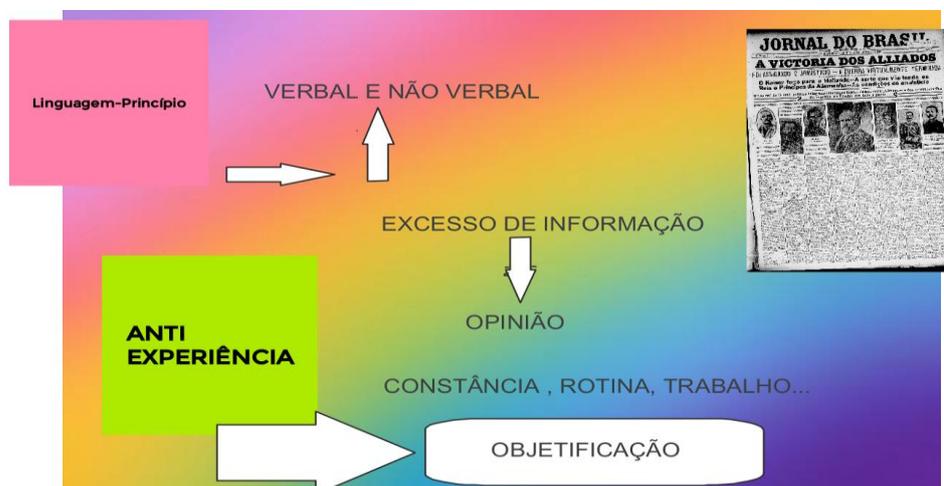
Fonte: Acervo dos autores e da autora no Jamboard.

Imagem 2:



Fonte: Acervo dos autores no Jamboard.

Imagem 3:



Fonte: Acervo dos autores no Jamboard.

Com Benjamim, aprendemos que esta experiência do chamado homem moderno da ciência e da técnica é uma pobre experiência. E com Jorge Larossa, entendemos que esta se distingue daquilo que este mesmo sujeito moderno confunde como sendo formas de experiência. Como o texto deste último serviu como um GPS nas nossas discussões, pudemos seguir os pontos apresentados por ele que se dividem em (1) o que não é experiência e (2) o que é experiência. A partir disso, podemos nos perguntar: o que é uma experiência filosófica e pedagógica?

No cotidiano, costumamos lidar com a experiência como se fosse um conjunto de informações sobre algo, formação de opinião, trabalho e tempo ocupado e produtivo. Na verdade, tudo isso nos afasta da experiência no sentido etimológico, filosófico e existencial (LAROSSA, 2002) que significa “aquilo que nos passa”, “o que

nos acontece”. Em francês, “*ce que nos arrive*” (o que nos chega); em inglês, “*that what is happening to us*” (o que ocorre a nós).

Em todas estas definições e traduções do significado da experiência, aparece como algo central a reflexividade do pronome “nós”. Não é o que acontece ou o que chega ou o que ocorre. Antes, é o que nos acontece, o que nos chega e o que ocorre a nós. É algo que vem de fora, porém se constitui em interioridade, já que se dá em nós, por nós e que, se fosse em outrem, seria um outro ocorrido, um outro acontecimento, um outro advento, porque a experiência constitui a singularidade e o acontecimento e não a essência e o universal.

É por isso que Larossa nos alerta que o excesso de informação nos impede de realizar experiências. Somos bombardeados de relatos, notícias, imagens e dados sobre quase tudo que podemos imaginar. Na internet, redes sociais, televisão, rádio, jornais e revistas tomamos notas sobre o que acontece, sobre o que é notícia, sobre objetos, lugares e situações as mais variadas possíveis. Um conjunto de situações e coisas que nem sempre nos dizem respeito nos chamam atenção e nos informam sobre os mais variados assuntos. A própria aprendizagem parece se resumir a selecionar, processar e apresentar informações sobre a natureza, a sociedade e o universo.

Depois de assistir uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informações sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer que nada aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (LAROSSA, 2002, p. 22).

Além do excesso de informação e da necessidade de nos sentirmos informados, o imperativo da opinião nos fecha possibilidade de experiência. Em nosso mundo moderno somos instados a dar opinião sobre tudo. Parece que a nós foi dada a onipotência divina de julgar atribuir valor de bom e mau, de justo e injusto, de belo ou feio a tudo. Nem temos tempo de digerir as informações que nos são apresentadas (e às vezes cobradas) e já somos impelidos a dizer o que achamos sobre o assunto. O próprio processo de ensino-aprendizagem organizado nas escolas tende a se tornar um trabalho de informação e cobrança de opinião.

A falta de tempo para acompanhar a enxurrada de informações e o imperativo quase moral de se ter uma opinião sobre quase tudo, tiram-nos a capacidade degustativa da vida. O saber que procuramos não se efetiva, porque só temos acesso

aos estímulos momentâneos. E atrás de novas excitações, abandonamos rapidamente uma informação, assunto, lugar ou objeto por outros. A vida moderna, sobretudo nesta era digital, é acelerada!

Por isso, sempre há a sensação de que estamos perdendo tempo, produzindo pouco, estamos atrasados e aquilo que fazemos ou produzimos já está ultrapassado. Daí o imperativo da novidade que, em alguns ambientes (sobretudo acadêmicos) se confunde com inovação. Parece que sempre temos que criar ou usar coisas novas, novos métodos, novas ideias, novas imagens, novos aplicativos.

Esta velocidade e necessidade de novidades e de novos estímulos a cada instante nos prejudicam a memória e nos impedem o silêncio necessário para escutarmos a nós mesmos e perceber o que pode estar ou não acontecendo conosco para além das informações e opiniões que servem como barreiras e muros à experiência. O homem moderno e a mulher moderna são cartesianos no sentido de dar pouco apreço à tradição, ao patrimônio cultural.

Como fala Benjamin, é uma pobreza de experiência que se estende a toda a nossa civilização ocidental que apesar de criar estilos, novidades e artefatos - por vezes misturando tradições e elementos culturais - é incapaz de se vincular ao que produz, ao que lê ou a que assiste ou consome. Esta pobreza se traduz em uma espécie de barbárie cultural quando se pretende agir como um renovador/destruidor - e fazer uma tábula rasa de tudo o que veio antes - cujo ícone filosófico é Descartes. "A esta estirpe de construtores pertenceu Descartes, que baseou sua filosofia numa única certeza - penso logo existo - e dela partiu" (BENJAMIN, 1987, p. 115).

A certeza do cogito representa um desprendimento a todo e qualquer elemento da cultura e da história. E esta atitude científico-filosófica associada ao poder da técnica tornam o trabalho um meio de dominação sobre a natureza e sobre o mundo. Capaz de modificar o seu ambiente e até mesmo a sua própria natureza por meio de tecnologias agrárias, bombas atômicas e pela biomedicina, o sujeito moderno não se sente pertencente a um patrimônio, mas dono de um patrimônio.

A memória tão preservada nas culturas orais que possuíam uma visão mística/mítica sobre o mundo e que traduziam isso em provérbios e práticas de reconexão consigo e com a natureza é deixada de lado como forma de vida, porém é resgatada como paliativo ao cansaço e esgotamento que este mundo veloz e pobre de experiência produz. Vemos esta pobreza de experiência na importação descontextualizada de práticas orientais, que são como técnicas de autoconhecimento e autoajuda.

Uma nova forma de miséria surgiu com este monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, *sobre* as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso desta miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. [...] Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 1987, pp. 114.119).

O valor da memória e do vínculo a uma cultura e a um patrimônio histórico pela força da dominação e da técnica e do imperativo de transformar tudo, dá lugar ao considerado atual, a ideia de uma pretensa evolução por meio da imitação refeita pela técnica e tornada mercadológica. Exemplo disso são os carnavais de rua que nos seus primórdios vinculavam os seus concernidos a um sentido de comunidade e de celebração de seu espírito alegre. Estas mesmas comunidades para preservarem seu patrimônio cultural ficam à margem dos grandes investimentos dos grandes carnavais que celebram a pompa, a técnica e para os quais convergem o interesse do mercado e do turismo.

Não que estes aspectos atuais não tenham algo de positivo, pois são meios de criação de empregos e de circulação de riquezas. Porém, aquilo que anima, entretém e se vende é um grande acontecimento que, no entanto, cada vez menos tem a ver com a vida das pessoas que participam do que dos grandes interesses mercadológicos. O mesmo se diga das manifestações populares da religião que paulatinamente se apresentam mais como uma simples encenação de um folclore do que como um encontro das pessoas com aquilo que constitui sua identidade e vitalidade.

Com isso, o trabalho no sentido de transformação e dominação da natureza e de mudança da sociedade para simplesmente modernizá-la não dá lugar à experiência. A nossa formação escolar (seja no ensino básico ou superior) tende a atribuir ao trabalho o caráter de experiência ao incluir horas nos currículos para um trabalho complementar a teoria. Então, trabalhar em uma empresa ou em uma escola seria fazer experiência que deve ser computada como horas e créditos para formação do estudante.

Não que não haja possibilidade da experiência acontecer num trabalho, mas o imperativo moderno de acumular informações, operar sistemas e ter de se atualizar

para sobreviver às inovações tecnológicas deixa pouco espaço para que aquilo que acontece lá no ambiente de trabalho, aconteça também na pessoa e a vincule ao acontecimento como se lhe tornasse parte intrínseca. É por isso que a experiência é uma exposição que implica um perigo de ser tocado e transformado como se tratasse de uma travessia em que o sujeito da experiência se constitui como uma terra sensível a tudo que lhe atravessa e deixa marcas.

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (LAROSSA, 2002, p. 24).

Há nesta relação do sujeito da experiência consigo mesmo uma passividade que produz uma epistemologia e uma ética (LAROSSA, 2002, p. 27). Esta passividade não é o mesmo daquilo que chamamos passivo em relação a algo ativo. É antes algo anterior a isso e que possui uma força fundadora que pode se expressar em um saber, cuja natureza é diferente do saber científico. Este conhecimento da experiência é uma saber assemelhado ao sentido da própria etimologia da palavra: saber do latim, *sapere*, que significa saborear.

O saber científico nos guia num conhecimento universal, abstrato e externo ao pesquisador. Seguro de si mesmo, imparcial com pretensão de neutralidade e domínio sobre seu objeto, o sujeito da ciência e da técnica extrai de seus estudos as propriedades e as relações das coisas para além de sua singularidade. O sabor das coisas pode ser efeito de muitas características peculiares à espécie, à química, ao tipo de terreno. Tudo pode ser rigorosamente descrito com auxílio de categorias lógicas e apoiado em estatísticas para que se possa garantir previsibilidade e o total controle sobre a qualidade e a quantidade que se espera.

O saber científico é, portanto, o âmbito da experimentação e não da experiência propriamente dita. Nele, o conhecimento implicado não diz respeito ao que afeta e modifica o sujeito, pois lhe é externo e é o mesmo para todos. Na experiência, o saber é daquilo que acontece no sujeito e dele deriva como sua reação passional (no sentido do que sofremos, padecemos) e também de maneira consciente e ativa (no sentido de assumirmos, de lidarmos com isso).

A experiência é sentir o sabor, degustá-lo, apreciá-lo como algo resultante de todo um processo no qual o que aconteceu é o que nos aconteceu. Não pode ser um

conhecimento separado da vida do sujeito que conhece. “De fato a experiência é uma espécie de mediação entre [o conhecimento e a vida humana]” (LAROSSA, 2002, p. 26-27). O conhecimento, como já vimos, não é o científico ou o das informações e opiniões: não é o da experimentação ou o do domínio sobre as coisas que podem simplesmente se transformar em produto e vender.

E a vida não se reduz aos seus aspectos biológicos de produção, reprodução, sobrevivência e satisfação das necessidades de consumo, sobretudo no que diz respeito às necessidades socialmente criadas para realizar uma certa “qualidade de vida” ou “nível de vida” (LAROSSA 2002). Realmente, quando falamos, hoje em dia, de qualidade de vida estamos nos referindo a um acúmulo de bens materiais que se pressupõe que caso tenhamos, teremos uma vida com um nível mais elevado. No fim das contas, é uma vida que precisa ser comprada. Comprar a vida... comprar a liberdade... com investimentos e cartão de crédito para ter uma vida digna e a liberdade de viajar... e sonhar.

A experiência como mediação entre o conhecimento e a vida funda um conhecimento que dá à vida biológica um caráter existencial de finitude, concretude e singularidade. Haja vista não se tratar apenas de circulação de sangue e consumo, mas do modo como nos construímos enquanto pessoas naquilo que concerne à nossa personalidade e ao nosso caráter. E dá ao conhecimento uma dimensão ética e estética (LAROSSA, 2002) transformando-o num saber da experiência: uma sabedoria.

É uma sabedoria porque concerne à vida e a responde singularmente num modo de se conduzir e responder aos desafios, mudanças de maneira corajosa e singular, ou seja, de maneira ética. O conhecimento vale enquanto proporciona possibilidades de experiência, de conhecimento dos mecanismos e irracionalidades do mundo e de nós mesmos e de como podemos nos “adaptar” (ou não) a estes movimentos que nem sempre são de favorecimento de nossa singularidade, porém que podem sempre ser acolhidos como ponto de partida de nossas ações e deliberações.

Adaptar-se aqui está dentro da compreensão de passividade que já havíamos falado que antecede a relação passividade-atividade. Trata-se de como estamos inseridos na natureza, na realidade, que é uma teia infinita de causas e efeitos, na qual cada ponto ou modo, por mais potente que seja, é superado por outros modos muito mais potentes e que, igualmente a nossa singularidade, luta por perseverar na existência (SPINOZA, 2008).

Padecemos porque do ponto de vista do indivíduo, a vida é uma potência entre outras potências que expressa de maneira singular a vida de todo o universo como corpo de corpos em constante transformação por meio de movimento e repouso. A vida no todo da natureza é potência infinita de transformação e adaptação e na singularidade é acompanhada da morte como lhe sendo parte intrínseca. Daí a experiência constituir um saber que cobra uma verdade que diz respeito a quem vive autenticamente a sua existência se autoformando a partir do modo como vai respondendo aquilo que o afeta e o faz padecer. E é por isso que, este conhecimento da experiência, além de uma ética, é também uma estética.

Estética, ética e epistemologia são partes de uma tradição do saber chamada de Filosofia. E é exatamente nesta tradição do patrimônio cultural da humanidade que este projeto de inovação pedagógica PIP FILO está inserido. O saber filosófico é assumido no nosso trabalho como o ponto de partida de um trabalho interdisciplinar de uma equipe composta por estudantes de filosofia, direito, jornalismo e medicina. Como nosso trabalho se intitula Central Pedagógica e como verificamos que um dos gargalos do curso é a escrita acadêmica, resolvemos fazer desta questão um problema filosófico e pedagógico.

Como problema filosófico, questionamo-nos sobre o que é uma experiência filosófica e entendemos a partir de Benjamim e Larossa que a própria experiência já é um modo filosófico de existência. Um conhecimento que não se confunde com um conjunto de informações sobre doutrinas e sistemas de pensamento que podemos acumular ao longo de um curso. Porém, é um saber que faz do pensamento um modo de experimentar ideias ou, como diz Sponville, “[...] trata-se de pensar tão longe quanto vivemos, portanto mais longe do que podemos, portanto mais longe do que sabemos” (2014, p. 174).

O limite do pensamento é a vida e esta é fonte infinita de um saber finito e limitado sobre o sentido e fundamento das coisas e da própria existência. É por isso que a filosofia, diferentemente da Ciência, é um pensar sem provas, mas não é um pensar de qualquer maneira ou pensar qualquer coisa. Não se trata de devaneio ou delírio. Mas de um saber que põe as questões essenciais da vida e que não podem ser respondidas pela ciência (SPONVILLE, 2014, p. 173).

Muitas vezes esta experiência de pensamento pode começar na própria ciência, no senso comum ou numa filosofia de vida. Geralmente é algo simples ou que parece óbvio na ciência ou no senso comum, porém quando não é pensado de qualquer jeito, passa a mostrar outras facetas que mudam totalmente o que

compreendemos. Não pensar de qualquer jeito significa que a filosofia possui uma metodologia para tratar de seus problemas, ou melhor, possui vários métodos.

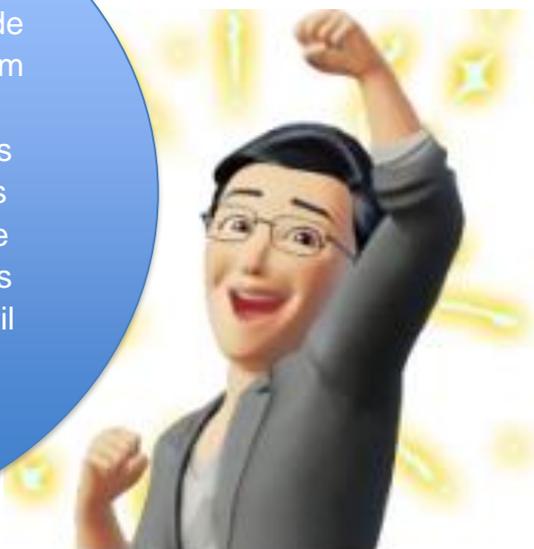


Como abordagem pedagógica, nos questionamos sobre a experiência de escrever dos estudantes e resolvemos estudar o problema a partir do texto clássico Como se faz uma tese de Umberto Eco (2002) e fazer uma espécie de enquete com os estudantes do curso com a finalidade de sabermos quais as dificuldades e quais os subgêneros de escrita acadêmica causam mais dificuldades. De imediato, constatamos um ponto comum entre a realidade vivenciada pelo italiano no início da década de noventa e a dos estudantes de filosofia e da UFT em geral: um novo público de estudantes do povo e de trabalhadores.

O ingresso de estudantes de pouco poder aquisitivo trouxe muitos desafios pedagógicos quanto à quantidade de tempo disponível e de capacidade de investimento nos estudos com livros, lugar adequado e viagens para congressos e pesquisas. Muitos estudantes da UFT ingressam tendo pouco desenvolvido o hábito de leitura e a competência da escrita. São estudantes que possuem celulares com dependência de dados móveis, muitos não têm computadores, enfim, possuem uma vulnerabilidade social muito grande.

Se a experiência exige tempo e capacidade de responder à realidade que nos afeta, para os estudantes de filosofia da UFT, isto só se pode fazer possível como um ato de resistência e de certo modo de rebeldia contra uma realidade social que, além de desprezar o pensamento crítico, fomenta a desigualdade e as oportunidades de fruição dos bens sociais.

Neste sentido, é que o PIP FILO se constituiu como uma Central de apoio pedagógico da filosofia a fim de servir de suporte de atendimento para as dificuldades oriundas do uso das tecnologias necessárias para o estudo neste mundo digital e para o acesso às políticas de assistência estudantil que passam por plataformas digitais.



Vimos que alguns estudantes quando iam disputar uma bolsa em algum programa, muitas vezes eram desclassificados já na inscrição seja pelo simples fato de não conseguir manusear a plataforma ou, por muitas vezes, não saber criar um currículo lattes como no caso da seleção para as seis bolsas de Monitores de Inovação Pedagógica da Filosofia/UFT.

Consciente destas questões, a equipe do PIP FILO além de fazer o trabalho de suporte - com apoio aos estudantes, professores, organizando eventos e promovendo oficinas - também pesquisa e reflete a própria experiência por meio de metodologia ativa e dialógica. Daí o desafio ser o de aprender a escrever textos acadêmicos, desenvolver uma tese sem perder de vista a experiência filosófica e o compromisso pedagógico com o nosso público. Estudar metodologia se faz necessário. Conhecer métodos se faz premente. Porém, nada disso pode se tornar uma camisa de força para criatividade e para inventividade filosófica esperada dos estudantes.

1.1 Método e metodologia

Quando começamos a estudar num curso de nível superior ou adentramos à academia, uma das primeiras coisas que escutamos é que a ciência é produzida a partir de um método confiável o qual confere a qualidade de cientificidade aos resultados da pesquisa em oposição ao senso comum - este de natureza espontânea, assistemática e eivada de crenças. De fato o método, segundo sua etimologia, é um caminho (do grego, *hodós*) ou mais precisamente algo que vai ao lado do caminho se levarmos em consideração a partícula *meta* do *methodos*. E isto que segue ao lado ou junto ao caminho é o roteiro da viagem que guia o caminhante e o navegante para seu objetivo.

Sobre a relação entre método e metodologia, podemos dizer que, de maneira geral, é de continente e conteúdo, já que, quando falamos deste último podemos entender que uma pesquisa pode comportar um conjunto de métodos. “Metodologia é um conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento” (ANDRADE, 2009, p. 119). É como quando planejamos uma viagem e utilizamos um GPS como o *google maps* ou o *waze* e vemos que de onde estamos para o lugar aonde vamos há possibilidade de fazer vários arranjos de caminhos (*hodós*). Podemos misturar BRs com rodovias estaduais e, muitas vezes, podemos inovar, ou seja, fazer desvios que, às vezes quando se tem boas informações sobre as rotas, podem tornar a viagem mais segura, confortável e rápida.

Em quase totalidade dos cursos superiores, há no início (primeiro ou segundo período) uma disciplina de metodologia do trabalho científico com este nome mesmo ou com um outro nome que abrange um escopo mais interdisciplinar como Leitura e produção de textos (aqui na UFT). Tal oferta visa munir de recursos conceituais e metodológicos os estudantes recém ingressantes no mundo da pesquisa científica.

Na prática, estas disciplinas passam a maior parte do tempo investindo na elevação do nível de leitura e aprendizagem de utilização de gêneros textuais próprios para o trabalho na Universidade e na produção e comunicação científica. Ou seja, não se faz necessariamente ciência ou filosofia, porém mune os estudantes de ferramentas e, sobretudo, normas (as famigeradas Normas da ABNT) para que possam seguir em seus cursos pesquisando e produzindo trabalhos acadêmicos.

Alguns livros utilizados para trabalhar a pesquisa científica nos períodos iniciais dos cursos de graduação são chamados de Metodologia Científica. Outros (mais

modestos) são intitulados de Introdução à Metodologia Científica. Neles, nem sempre se encontra uma linha demarcatória rígida entre o sentido de método e metodologia. No entanto, dado que o título dos livros contém Metodologia e que o interior dos mesmos, além de muitos outros assuntos, apresenta vários métodos aos quais os estudantes/pesquisadores podem lançar mão, podemos então entender que a ideia de metodologia como um conjunto de métodos de procedimentos é, na prática, acertada e adequada.

Nestes manuais de metodologia de trabalho acadêmico,¹ há uma classificação das pesquisas e dos métodos, além da apresentação de modos de leitura, fichamento e utilização de recursos tecnológicos para que o estudante possa ser iniciado nos gêneros e na lide da vida universitária. Quanto à classificação da pesquisa, há uma compreensão dos tipos a partir da construção do projeto, levando em conta os objetivos, objeto, a natureza e o procedimento. Eis uma possibilidade de categorização:

- **Pesquisa quanto à abordagem:** pode ser **qualitativa** ou **quantitativa**. É qualitativa quando leva em consideração as ideias, sentimentos, crenças e as finalidades que os sujeitos da pesquisa possuem, ou seja, a um conjunto de dados que extrapolam às meras cifras. É quantitativa quando se trata de levantamento estatístico de determinado fenômeno. Destaque-se aqui que uma pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, qualitativa e quantitativa.
- **Pesquisa quanto aos objetivos:** pode ser **exploratória**, **descritiva** ou **explicativa**. É exploratória quando busca fazer um trabalho de conhecimento do assunto, fazendo levantamento de informações e conteúdos com o objetivo de conhecer melhor o assunto para depois, talvez, fazer algum recorte temático e realizar uma pesquisa mais aprofundada. É descritiva quando busca levantar dados como em pesquisa de opinião ou para ter um retrato do cenário social como no caso de pesquisas mercadológicas ou pesquisas eleitorais. É explicativa quando se busca relacionar as variáveis numa tentativa de estabelecer a causalidade existente entre elas.

¹ Ex: (SEVERINO, 2016); (ANDRADE, 2009); (MINAYO, 1994); (YIN, 2001); (FLICK, 2004); (BARDIN, 2011).

- **Pesquisa quanto ao procedimento e objeto:** quando se fala em procedimento se entende o modo pelo qual se obtém os dados da pesquisa e quando se fala do objeto se refere àquilo que se pesquisa. No fim das contas há uma coincidência entre elas, porque aquilo que se pesquisa é de onde se extrai o conteúdo trabalhado, de maneira que podemos falar de três modalidades: **bibliográfico ou documental, laboratorial** e de **campo**. É bibliográfica (fonte secundária) quando se trata de obras escritas de referência numa certa tradição de pensamento ou de interesse cultural e acadêmico. Os documentos são fontes primárias como cartas, testamentos, normas, leis etc. É laboratorial quando a experiência pode ser provocada, repetida e controlada em certo ambiente. E é de campo quando o pesquisador trabalha em certo ambiente em contato direto com os sujeitos, contexto ou objeto da pesquisa.

A questão e a classificação do método científico são resultado de um longo processo histórico que começa na modernidade. Francis Bacon apontara a esterilidade dos procedimentos metafísicos utilizados desde a antiguidade e que tomara corpo teológico na Escolástica sobretudo a partir das Sumas que eram longos tratados que tinham como plano de fundo cosmológico e filosófico as categorias aristotélicas. Para combater este tipo de pensamento da tradição metafísica grega e escolástica, ele propusera um filtro epistemológico que ficou conhecido como teoria dos ídolos.

Para Bacon (1988), todos nós somos afastados do conhecimento da natureza e impedidos de acessar sua verdade porque construímos em nós certos preconceitos os quais nascem a partir de quatro ídolos: **ídolo da tribo** ou aquilo que temos como verdadeiro por estarmos restritos a um grupo pequeno com seus provincialismo, boatos e generalizações apressadas; **ídolo da caverna** ou aquilo que aquele mundo interior de juízos que cavamos dentro de nós mesmos por meio de nossas referências particulares em detrimento de outros pontos de vista e que nos faz aceitar apenas o que confirma o que achamos que já sabemos; **ídolo do foro** ou o uso de uma terminologia e conceitual imprecisa que geram imprecisões e discussões sem fim; e o **ídolo do Teatro** ou aquilo que encenamos como a verdade, mas que na verdade é apenas tradição, crenças e discurso de autoridade.

Libertados destes ídolos ou preconceitos, Bacon entendia que poderíamos entender a natureza por meio da própria natureza, ou seja, o critério para se estabelecer a verdade sobre os fenômenos naturais seria dado pela própria experiência mediada pela observação, registro dos fatos, repetição de experiências e generalização. Nasce aqui o método indutivo, o qual é essencial para as ciências da natureza até hoje e que consiste em partir de certo número de fatos particulares e estabelecer uma regra geral (lei natural) sobre o fenômeno observado.

Descartes desconfiara deste tipo de abordagem puramente experimental por entender que os critérios que confirmam a validade do conhecimento (a clareza e distinção) são experiências do pensamento puro como na matemática que parte de certos princípios e deduz por meio de regras precisas a verdade de certos teoremas ou a propriedade de certos objetos como no caso da geometria. Por este motivo, seria na razão e no seu poder calculador onde se encontraria a possibilidade de estabelecer a verdade das coisas por meio do que ficou posteriormente conhecido como método dedutivo.

Com o passar do tempo, observou-se que o método dedutivo e o método indutivo/matemático não se excluíam, nascendo assim o método experimental ou hipotético-dedutivo. Galileu já havia dito que a natureza é um grande livro escrito por Deus com caracteres matemáticos, ou seja: embora precisemos ir a natureza mesma para entendê-la, só conseguimos entendê-la se soubermos traduzir sua linguagem matemática. Por isso, a observação nos leva a teoremas (hipóteses) que devem ser testadas por meio da experiência e, uma vez que isso seja suficientemente confirmado, a razão pode deduzir as leis que regem as relações constantes entre os fenômenos observados.

Newton será o grande sistematizador das leis gerais de movimento e repouso que explicam a natureza como movimentos de corpos celestes e terrestres, tornando-se o inaugurador da física como ciência. Por isso, todas estas contribuições e modos indutivos, racionais, experimentais e hipotético-dedutivos de abordar a natureza ficarão conhecidos como paradigma newtoniano.

No século XIX, o saber que se encontrava unificado dentro da filosofia começa a se fragmentar em diversas áreas que procuram se afastar da tradição metafísica. O homem, a sociedade, a alma, o cosmos etc serão objetos de setores que aplicarão o método científico tomando como modelo aquilo que fizera Newton com a física. Haja vista a sociologia que surgiu neste período sendo denominada por Durkheim como física social, ou seja: não trataria de uma pretensa natureza humana ou de um estado

de natureza, mas sim dos fatos sociais ou daquilo que se poderia saber das relações entre os seres humanos em dada sociedade e que pudesse ser observado e quantificado.

De modo parecido, a psicologia passa a investigar a alma humana deixando de lado a consciência e colocando como o objeto aquilo que poderia ser observado, experimentado e podendo, inclusive, ser controlado e repetido em laboratório. No caso do Wundt, que iniciara esta abordagem, seu objeto era a relação da visão e das reações no seu substrato orgânico. A criação das ciências humanas inicialmente se dá, portanto, com a aplicação do método de estudo da natureza aos fenômenos sociais, humanos e psíquicos. E isso é feito quando se criam nas Universidades departamentos especializados para o estudo de objetos retirados do âmbito da filosofia para agora integrar uma área independente de pesquisa, produção e formação.

Com esta especialização e aplicação do método de matriz newtoniana, passou-se a entender o conhecimento verdadeiro, seguro e universalizável como sendo o científico em oposição à filosofia, à arte e à religião. E no interior daquele saber, passou-se a considerar uma divisão maior entre ciências da natureza e ciências humanas, sendo que aquela é tida como mais rigorosa e precisa, haja vista que as humanidades lidam com fenômenos onde se encontram questões de liberdade e subjetividade, cujas determinações são menos precisas e mais difíceis de serem reduzidas a determinações rigorosas.

Por isso, ao lado destas abordagens positivistas dos fenômenos humanos, já no século XIX se concebe um método que leva em consideração a história e o seu movimento de contradições como motor de mudanças: o método dialético e histórico-crítico. No século XX, surgem muitos outros métodos que procuram ser mais afeitos à realidade humana: fenomenologia, estruturalismo, pensamento complexo e muitos outros. Nos manuais de metodologia, estes métodos são colocados ao lado de outros que são utilizados para realizar o trabalho de investigação e produção científica.

No entanto, devemos destacar que correntes como materialismo histórico-crítico, pensamento complexo e fenomenologia, por exemplo, muitas vezes ultrapassam o âmbito de simples métodos e se constituem como uma epistemologia e uma ontologia, ou seja: como filosofia que foi expulsa pela porta da frente da ciência, mas que volta sutilmente pela porta dos fundos. Deixando em suspenso esta discussão do lugar da filosofia no mundo das ciências, podemos observar que com base neste movimento de surgimento de abordagens, os manuais (em especial o da

ANDRADE, 2009 e o de LAKATOS; MARCONI, 1992) classificam os métodos utilizados para realizar as pesquisas em métodos de abordagem e métodos de procedimento.

- **Métodos de abordagem:** são os que dizem respeito ao plano geral da pesquisa e ao raciocínio lógico empregado podendo ser **dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo e dialético**;
- **Métodos de procedimento:** são os que dizem respeito às etapas do trabalho e que podem ser combinados entre si. Os mais conhecidos são estes: **estudo de caso/monográfico**, quando o pesquisador trabalha com um grupo específico como uma escola, uma empresa, a atuação de profissionais em um lugar etc; **pesquisa-ação**, quando o pesquisador atua junto com os sujeitos pesquisados e possui como finalidade dar um retorno de melhoria para aquela comunidade; **etnografia**, quando o pesquisador habita com o grupo estudado adotando por um certo período de tempo seu modo de vida para poder descrever as relações aí envolvidas; **fenomenologia**, quando o pesquisador parte do pressuposto de que o mundo é um universo de significados produzidos pela atuação cognitiva e cultural dos sujeitos, descrevendo o fenômeno em vários perfis e perspectivas; **estruturalista**, quando o pesquisador parte da investigação da realidade e, a partir daí constrói um modelo abstrato para explicar o sistema de relações e códigos da estrutura em questão; etc.

A partir da classificação de tipos de pesquisa e de métodos, os trabalhos desenvolvidos na academia procuram encontrar nestas categorias ferramentas para desenvolver suas investigações. Daí o trabalho se iniciar com a problematização de alguma questão da realidade ou dos clássicos do pensamento que inquiete o sujeito e que seja de relevância para o desenvolvimento do conhecimento científico. Feito isso, é necessário determinar qual tipo de pesquisa se adequa melhor para aquele objeto de estudo e qual método e procedimentos serão utilizados. Além disso tudo, se se tratar de um trabalho de campo, o pesquisador deverá fazer uso de certas técnicas de coleta de dados como questionários, entrevistas, análise de documentos, estatísticas etc.

Por isso, quando entramos num repositório institucional onde ficam as monografias, dissertações e teses e lemos algum resumo e a introdução ou vemos o índice do trabalho, observamos que há uma indicação clara da metodologia empregada em que se responde basicamente as seguintes perguntas: qual tipo de abordagem foi utilizada (quanti ou quali)? Qual a natureza dos objetivos (exploratória, descritiva ou explicativa)? Qual é o método de abordagem empregado (indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, dialético, estruturalista, fenomenológico ou pensamento complexo etc)? Qual o método de procedimento (estudo de caso, pesquisa-ação, etnografia, análise documental etc)? E quais técnicas foram empregadas para coleta de dados (questionários, observação e descrição, entrevistas, registro autobiográfico etc)?

Todas estas questões se refletirão na condução dos trabalhos do pesquisador e também na forma como irá apresentar os resultados obtidos ou desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (relatório, artigo, monografia, dissertação ou tese). Cada um dos gêneros acadêmicos ou científicos de produção textual apresenta certas peculiaridades, mas se se tratar de um trabalho de campo ou laboratorial, haverá uma parte reservada para apresentação da metodologia, do estado da arte, da fundamentação teórica e dos resultados.

Em algumas dissertações e teses, o primeiro capítulo é intitulado de metodologia e se procede com a classificação da pesquisa, do método, das técnicas empregadas e como isso tudo se realizou com o público (sujeitos da pesquisa) ou com o objeto natural ou cultural e como tudo isso se justifica diante da problemática em questão. Mostra-se também as etapas do processo de pesquisa e produção. Os capítulos seguintes mostram o estado da arte ou o que já foi dito na literatura especializada; em outras ocasiões, quando uma tradição ou um autor teve forte influência, apresenta-se apenas os conceitos dele utilizados na pesquisa secundado pelos comentadores e autores da mesma linha teórica. O último ou os últimos capítulos versam sobre os resultados ou mostram a análise de dados a partir do método e dos conceitos escolhidos.

Nas revistas acadêmicas ou científicas, a divisão dos capítulos obedece em grande medida à classificação da pesquisa e do método. Nas normas ou mesmo no *template* oferecido na submissão, a estrutura em geral exige um capítulo introdutório, um capítulo de metodologia e um final sobre os resultados. Muitas vezes os capítulos ou partes já são intitulados de maneira tripartite exatamente como Introdução, Metodologia e resultados obtidos (ou algo aproximado a estas categorias).

Na UFT, podemos citar como exemplo as revistas institucionais Capim Dourado ligada à Pró-reitoria de Extensão - PROEX e a Desafios ligada à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação - PROPESQ. A primeira oferece no seu sítio online dois templates. Um deles possui uma divisão básica de Introdução, Desenvolvimento e Conclusão deixando o extensionista mais à vontade para organizar a sua pesquisa, resultados e produtos. É claro que a natureza da revista (Extensão) já coloca a exigência de apresentar a metodologia de trabalho, o público externo, a participação dos estudantes e o produto resultante do projeto executado. No outro template, a divisão já determina os títulos das partes como Introdução, Proposta Metodológica e Principais Resultados. No caso da Revista Desafios a divisão determinada é também direta: Introdução, Material e Métodos e Resultados e Discussão. Enfim, nas nossas revistas institucionais, como em quase maioria das revistas de humanidades ou ciências em geral, a classificação da pesquisa e o método são exigidos como parte do texto a ser publicado.

A produção da Filosofia, embora seja classificada como Ciências Humanas, segue um padrão um pouco diferente de seus pares. Como falamos, o método científico nascido na modernidade nasce de seu interior, mas se emancipa com a profusão de objetos e de departamentos de estudos especializados. A pesquisa filosófica passa então a dar lugar às ciências particulares que trazem as questões outrora problematizadas desde um ponto de vista especulativo para o âmbito do saber positivo.

Autores como Gil (1987), entendem que a filosofia é uma forma de conhecimento pouco frutífera de conhecimentos novos e dá maior destaque aos métodos pretensamente científicos como os já citados. Duas críticas se podem fazer inicialmente a este tipo de postura: uma é a trazida por Larossa que vê no método um lugar de desconfiança em relação à experiência, transformada pela ciência em experimentação. Esta é uma crítica mais existencial que capta que, ao lado dos benefícios trazidos pela ciência moderna, veio uma fragmentação e uma cisão entre o saber e a vida de quem pensa. Na esteira da melhor tradição filosófica, pensar o mundo, a política, a beleza, o universo etc é pensar a si mesmo e o sentido da vida que merece ser vivida.

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida humana em sua singularidade, mas o método da

iência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las (LAROSSA, 2002, p. 28).

Ao lado desta crítica a ideia de uma supervalorização da ciência positiva, outra crítica que podemos fazer a posição de Gil (e de outros que pensam semelhante) é a de que o método científico pressupõe uma visão de mundo, da natureza e do conhecimento que não pode ser validado pelo próprio método científico. Ora, por trás de uma ciência experimental, por exemplo, há como evidente que todas as coisas na natureza seguem uma ordem causal necessária e que basta conhecer estas causas para determinar com precisão os efeitos delas decorrentes. Também se pressupõe que se, por um lado os sentidos nos enganam, por outro lado, quando aplicamos o método científico à investigação, a razão nos mostra “a cara legível” e “a série de regularidades” da natureza, ou seja, conhecemos o objeto tal como ele é.

A produção de conhecimentos científicos sobre o mundo natural, com a aplicação do método experimental/matemático, possibilitou a constituição das Ciências Naturais, formando assim o sistema das Ciências da Natureza. Esse método utiliza-se de técnicas operacionais que complementam e aprimoram as condições de observação, de experimentação e de mensuração, procedimentos que precisam ser realizados de forma objetiva, sem influências de turbantes de correntes de nossa subjetividade. Mas é bom observar que todo edifício pressupõe fundamentos filosóficos, de cunho ontológico e de cunho epistemológico. Isso quer dizer que, ao fazer ciência, o homem parte de uma determinada concepção acerca da natureza do real e acerca do seu modo de conhecer. Essas “verdades” básicas não precisam ser demonstradas nem mesmo conscientemente aceitas pelo cientista, mas elas são pressupostas. A sistematização dessas posições de fundo são os assim chamados paradigmas - no caso do conhecimento, paradigmas epistemológicos. Para que o conhecimento produzido pela ciência tenha consistência, é preciso admitir algumas verdades universais, ou seja, a ciência precisa apoiar-se em alguns pressupostos (SEVERINO, 2016, p. 113).

Dizer que todas as coisas seguem uma ordem imutável ou que o método dá acesso ao objeto em si mesmo são pressupostos filosóficos. Isso significa que não se pode fazer, como diz Edgar Morin (2015), “Ciência com consciência” (2005) se não se pergunta pelo conhecimento do conhecimento e, para este fim, o método científico não é suficiente. Neste momento, a cisão moderna das ciências humanas e as

ciências da natureza perde o sentido e se faz necessário questionar sobre a validade do determinismo científico e sobre o que constitui o objeto da ciência, ou seja, é necessário resgatar a ontologia (ao questionar o determinismo) e a epistemologia (ao questionar a natureza e inteligibilidade do objeto), ambas áreas da Filosofia.

Como já falamos, a Filosofia foi expulsa do mundo da ciência pela porta da frente, mas retorna sutilmente pela porta dos fundos. Neste sentido, é que a produção nesta área, além de por aquelas questões indispensáveis e irrenunciáveis do ser humano, contribui para que a ciência se faça com conhecimento de si mesma a partir do paradigma que a orienta. E isso é feito de vários modos e por vários caminhos os quais, muitas vezes, são confundidos com simples métodos de orientação de pesquisa de campo.

No caso da produção filosófica, o esquema é simples no seu formato e exigente na sua elaboração. Enquanto nas outras áreas das ciências humanas, utiliza-se dos conceitos e dos autores para apenas orientar e interpretar os dados levantados pelas técnicas de pesquisa, na filosofia os conceitos e os autores são, ao mesmo tempo, a ferramenta e o material pesquisado. Daí a fala newtoniana de estar sobre “ombros de gigantes” refletir muito bem mais de oitenta por cento daquilo que é produzido nos cursos de filosofia.

Basicamente, os TCCs de Filosofia constam de um problema levantado no interior de uma obra ou de um pensamento e os seus desdobramentos se darão em dois, três ou quatro capítulos. Num primeiro capítulo, contextualiza-se aquela questão dentro da obra do autor estudado ou do histórico da problemática. Num segundo e num terceiro capítulo, discorre-se sobre como o autor enfrenta a questão no interior da obra escolhida. A análise desta problematização e discussão se faz com intérpretes abalizados no assunto e especialistas no autor estudado.

Um bom exemplo de um TCC em Filosofia é o *De ente et Essentia* de Tomás de Aquino (2013). Nele, o filósofo medieval faz um recorte de um problema no interior da obra de Aristóteles (a relação entre o ente e a essência) e, secundado por um comentador do estagirita famoso da época, Avicena, discorre sobre o assunto num pequeno texto que lhe rende o título de Licenciado - o qual o habilita a lecionar nas recém criadas Universidades da época.

Um autor (na época, Aristóteles) e um comentador (Avicena). Passaram séculos e o *modus operandi* de realização de trabalhos acadêmicos de filosofia continua praticamente igual. E isso que falamos aqui pode ser conferido na Revista Perspectivas da Filosofia/UFT, na qual nos artigos não há uma divisão em que

metodologia e resultados apareçam como capítulos específicos como nas revistas aludidas acima e nas demais ligadas às Ciências Humanas em geral e às Ciências da Natureza.

1.2 Projeto de ensino, pesquisa e extensão

Independente da área e do modo como organiza seus trabalhos, TCCs e revistas científicas, no mundo universitário há a exigência estruturante da integração entre ensino, pesquisa e extensão. A nossa Constituição Federal brasileira de 1988 fala que as Universidades se constituirão por meio da autonomia administrativa e pedagógica sustentada pelo tripé ensino-pesquisa-extensão (CF/88, art. 207). Portanto, não se trata de uma opção dos cursos de graduação e pós-graduação trabalhar estas três dimensões da vida universitária, apesar de na prática visualizarmos bem mais o ensino e a pesquisa.

Na UFT, o Plano Desenvolvimento Institucional (PDI 2022-2026) prima por esta integração ao criar programas integradores em que cada um é coordenado por uma pró-reitoria e realiza atividades que englobam as outras. As metas presentes no PDI são monitoradas por meio do Plano de Atividades (PAT) o qual cada curso, pró-reitoria ou unidade gestora preenche com o seu plano anual de ações para implementar os objetivos e finalidades da Universidade. Na ponta, estão os professores e técnicos que, cada um com seu instrumento de avaliação, detalham suas atividades de planejamento e o seu relatório. No caso dos docentes, o instrumento de planejamento ainda a ser implementado para responder ao PAT e ao PDI é o Plano Individual de Trabalho (PIT) e o Relatório Individual de Trabalho (RIT).

Dentro deste universo de objetivos e finalidades da UFT, o nosso Projeto de Inovação Pedagógica, PIP FILO (Central de apoio pedagógico da Filosofia), surgiu dentro da proposta do novo PDI de integrar as ações de ensino, pesquisa e extensão por meio de uma monitoria que não ficasse reduzida a uma disciplina, mas que fosse interdisciplinar e que abarcasse além das atividades ligadas ao ensino, também contemplasse a extensão e a pesquisa. No Plano anual de atividades do curso de licenciatura em Filosofia, o PIP FILO se comprometeu em realizar as seguintes metas por meio de suas ações: integração da pós-graduação com a graduação por meio de eventos como a II semana pedagógica e a própria constituição do nosso núcleo formado por um tutor (mestrando) e seis monitores remunerados (e outros voluntários)

de inovação pedagógica MIPs da graduação; trabalhar com os egressos por meio projeto Eterno Retorno no qual egressos do curso são chamados para falarem no canal do PIP no youtube e no instagram sobre suas produções e de sua vida profissional depois do curso; formação para educação 4.0 por meio de oficinas ofertadas pelos MIPs etc.

Como projeto de ensino, além de atender às demandas dos estudantes de Filosofia em suas questões de acesso às plataformas e à produção textual, o nosso PIP desenvolveu temas de estudos internos em que foram praticadas as metodologias da sala de aula invertida e da aprendizagem baseada em projetos. A inversão da classe se deu por meio de disponibilização por parte do coordenador do projeto de problemas e textos relativos à escrita de teses e ao saber da experiência.

Problematizando a nossa própria vida acadêmica e o nosso trabalho de produção intelectual, propusemos que durante a semana, os MIPs lessem em casa autores como Umberto Eco, Jorge Larossa e Walter Benjamin cujos capítulos e artigos foram disponibilizados tanto na sala de aula do google como no grupo de whatsapp da equipe. Durante os nossos encontros nas segundas, os estudantes fizeram partilhas de suas leituras e conclusões por meio de exibições no jamboard. As conversas partiam da compreensão do que havia sido lido e seguiam buscando pontes com o nosso contexto de mundo atual e de estudantes e professores da UFT. Com isso, pusemos em prática o que os autores da Sala de Aula Invertida entendem por esta mudança de perspectiva pedagógica de ensino-aprendizagem.

Inverter a sala de aula tem mais a ver com certa mentalidade: a de deslocar a atenção do professor para o aprendiz e para a aprendizagem. [...] Quando o processo de aprendizagem se torna o centro da sala de aula, os alunos trabalham com o mesmo afinco que o professor. Isto significa que estão engajados e não ouvindo passivamente as informações (BERGMANN; SAMS, 2022, pp. 10.59).

A perspectiva de inversão da sala de aula vai na mesma direção da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2011) que nos mostra que, como seres inacabados, somos também seres condicionados e, conscientes deste inacabamento, capazes de modificar o meio em que vivemos produzindo cultura e resistindo às situações/determinações que podem nos reduzir a objetos. Conhecendo esta condição fundamental de se constituir sujeito de sua existência e história, o docente respeita a autonomia dos estudantes e o contexto de suas existências. Por isso, podemos dizer que mais do que uma questão de método, a sala de aula invertida é

uma atitude didática e epistemológica que casa tranquilamente com a proposta freiriana de colocar a aprendizagem e o estudante no centro (e não o ensino e o professor).

Consideramos que a ideia de conseguir que os estudantes alcançassem o mesmo engajamento e a atitude de pesquisa do coordenador e tutor foi alcançada na nossa experiência de encontros síncronos às segundas-feiras, pois destes espaços de aprendizagem saíram bastantes reflexões e debates sobre a vida acadêmica e sobre as nossa experiências de estudantes e professores de humanidades num contexto de desvalorização do pensamento crítico e de uma educação mais voltada para formação de mão de obra barata para o mercado de trabalho. De maneira geral, houve um acordo de que fazer Filosofia ou qualquer outro curso num ambiente em que mais de oitenta por cento dos estudantes são economicamente vulneráveis é um ato de resistência e rebeldia.

Outra referência do nosso trabalho de ensino foi o Mestre Ignorante de Jacques Rancière (2002). Embora esta filosofia da educação não tenha sido tematizada como parte da formação da equipe, a atitude de enfatizar a aprendizagem e a centralidade do estudante respeitando sua inteligência e promovendo a autonomia foi a tônica de nosso trabalho. Para Rancière, o mestre deve assumir a postura de ignorar a superioridade da inteligência e, a partir disso, fortalecer, entusiasmar e incentivar a curiosidade e a pesquisa do estudante - numa postura semelhante a Paulo Freire!

O Mestre ignorante abre mão da centralidade da explicação e põe a emancipação como ponto de partida do processo no qual o estudante é levado a acreditar na sua inteligência e ousar saber. Diferentemente do mestre explicador, o mestre ignorante não domina a inteligência, porém não abre mão de coordenar o processo escolhendo o material e a metodologia de trabalho. E isso, de certa forma, foi o que pusemos em prática na condução dos trabalhos pedagógicos da nossa equipe.

Em relação à Extensão, vale destacar o conceito e modalidades deste pilar constitucional da Universidade e situar o nosso projeto em seu interior. A política de extensão universitária (Art 1º, Res. nº 05/2020) define extensão como “[...] um processo educativo, cultural, científico, político, transdisciplinar, interdisciplinar e tecnológico que se articula com o ensino e a pesquisa de forma indissociável [...] promovendo a interação transformadora entre a Universidade e os outros setores da sociedade”. Nesta passagem da norma interna a UFT, vemos os pontos já destacados do nosso projeto de inovação que promove a integração de instâncias educativas num

trabalho interdisciplinar e filosófico por meio da atuação de atores de diferentes formações (filosofia, artes, administração, direito, jornalismo e medicina) como uma Central de Apoio Pedagógico para o curso de Filosofia como um todo e não apenas a disciplinas específicas.

O artigo 4º da mesma resolução acima citada acrescenta ao conceito de extensão universitária alguns elementos: 1 - “[...] A articulação entre teoria e prática que possibilita a conexão entre os saberes acadêmicos e populares”; 2 - “[...] a função [de] produzir e socializar conhecimentos e saberes, dialogando com diversos setores da sociedade”; e 3 - “[proporcionar] ao corpo discente uma vivência que complemente sua formação”. O primeiro e o terceiro elementos foram desenvolvidos por meio da pesquisa sobre escrita acadêmica, a nossa escrita e o do nosso contexto de autores, além do trabalho colaborativo neste *ebook*, que é um modo de praticar ou de aprender fazendo como dizem os construtivistas.

O segundo elemento do artigo 4º tem a ver com a oportunidade dos estudantes MIPs de serem protagonistas de suas ações propondo, pesquisando e atuando no atendimento às demandas de seus colegas estudantes, professores e comunidade em geral; atuando também no planejamento de projetos de pesquisa e ações que resultaram em oficinas de extensão e materiais pedagógicos que foram incorporados a este *ebook*. Como forma de situarmos a nossa ação de extensão e para facilitar a visualização de todas as modalidades de extensão previstas na política da UFT, citamos, abaixo, parte do artigo da Res. 05/2020 - Consepe:

I - **Programa**: é uma proposta de ações integradas e articuladas que permitem atingir um objetivo amplo. Ele parte da necessidade interdisciplinar de atuar em diferentes frentes de conhecimento ou de atividades diante de um problema social complexo que não pode ser enfrentado de forma disciplinar;

II - **Projeto**: devem ser entendidos como ações processuais, contínuas e de natureza educativa, cultural, política, científica ou tecnológica com objetivos específicos e prazos determinados;

III - **Curso e oficina**: ação pedagógica, ofertada à comunidade, com o objetivo de socialização do conhecimento acadêmico, de caráter teórico e prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistêmico, com critérios de avaliação definidos e certificação. Os Cursos de Extensão Universitária devem articular a comunidade acadêmica com as necessidades concretas da sociedade, num confronto permanente entre a teoria e a prática, como pré-requisito e consequência dos diversos programas de extensão universitária. **Os cursos são classificados em:**

a) **Iniciação**: curso que objetiva oferecer noções introdutórias em uma área específica do conhecimento, com carga horária mínima de 08 horas;

b) **Atualização:** curso que objetiva atualizar e ampliar conhecimentos, habilidades ou técnicas em uma área do conhecimento, com carga horária mínima de 30 horas;

c) **Capacitação:** curso de capacitação com objetivo de socializar conhecimentos sistematizados e divulgar técnicas, na respectiva área de conhecimento, com vistas ao aprimoramento do desempenho profissional ou ao manejo mais adequado de procedimentos ou técnicas, possuindo carga horária mínima de 60(sessenta) horas;

d) **Aperfeiçoamento:** curso com objetivo de desenvolver conhecimentos, habilidades e competências em profissionais que já possuam graduação em uma área específica com carga horária mínima de 180 horas e máxima de 359 horas;

IV) **Evento:** atividades realizadas, no cumprimento de programas específicos, com o propósito de produzir, sistematizar e divulgar conhecimentos, tecnologias e bens culturais, podendo desenvolver-se em nível universitário ou não, de acordo com a finalidade visada e a devida aprovação da Proex;

V) **Prestação de serviço:** compreende a execução de atividades em projetos acadêmicos, por servidores e estudantes da UFT, visando responder às expectativas e necessidades da comunidade externa, representada por pessoas físicas, entidades públicas e organizações privadas com ou sem fins lucrativos.

Poderíamos entender estas modalidades de extensão universitária partindo do mais complexo para o mais simples. Os programas são o conjunto de ações integradas dentro de um objetivo bem amplo o qual só poderá ser atingido por meio de um trabalho interdisciplinar e de várias frentes. Os projetos podem se constituir tanto como parte de um Programa (que seria um conjunto de programas) como também autonomamente como um conjunto de ações contínuas e integradas tendo uma finalidade educacional, cultural, tecnológica ou filosófica específica.

As oficinas e cursos se caracterizam pela socialização dos saberes pesquisados e produzidos na academia de maneira sistematizada e com certificação. Neste caso, damos destaque ao curso de aperfeiçoamento que possui natureza semelhante a pós-graduação *lato sensu*: participantes/estudantes graduados e uma carga horária grande. Isto nos leva a concluir que a pós-graduação *lato sensu* deveria ser posta dentro das modalidades de extensão universitária e não ficar vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação. Já os eventos são momentos de encontro para troca de experiências, exposição de pesquisas ou resultados e celebração do saber, podendo servir para abrir ou finalizar cursos, projetos ou programas. No caso da Prestação de Serviços, trata-se de uma modalidade em que professores, discentes ou técnicos respondem a demanda da sociedade por meio de uma atuação específica de sua expertise.

Em relação à Central de Apoio Pedagógico, nós trabalhamos em forma de Projeto que serviu de guarda-chuva de várias ações. Diante da necessidade de

desenvolver práticas inovadoras e tecnológicas, criamos um projeto que visa dar suporte tecnológico e pedagógico relativo a plataformas educacionais para os estudantes, professores e a comunidade em geral. Também nos propusemos trabalhar o ensino de filosofia e a produção de gêneros textuais acadêmicos e voltados para formação. Neste sentido, alguns eventos foram promovidos como a II Semana Pedagógica da Filosofia e VII e VIII Jornadas filosóficas - neste último a coordenação ficou por conta do Centro Acadêmico de Filosofia - CAFIL. Além dos eventos, algumas oficinas de formação tecnologia educacional foram promovidas, as quais serão apresentadas mais à frente (no capítulo 03).

Em relação à dimensão da Pesquisa, o nosso objeto foi duplo, a saber, o uso de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem e a escrita acadêmica como uma experiência pedagógica e filosófica. Para alcançar esta finalidade, conforme colocado no objetivo geral cadastrado na GPU, o projeto aprovado pela Prograd/Propesq selecionou um Tutor que pudesse articular estas demandas a partir de uma metodologia ativa que fosse estudada ao mesmo tempo que fosse executada na dinâmica freiriana do aprender fazendo. A expectativa do escopo consignado no projeto foi posto em prática pelo tutor que apresentou uma ferramenta da Administração para planejamento de projetos, denominada Plano de Ação.

O dispositivo do mundo corporativo trazido pelo tutor foi acolhido no PIP FILO para ser inovado no sentido de receber um significado pedagógico de Metodologia Ativa de pesquisa de maneira a se hibridizar com a famigerada PBL (*Problem Based Learning*), metodologia ativa de aprendizagem baseada em problemas criada no interior da Medicina. Com esta perspectiva pedagógica de fusão e de ressignificação, fizemos um trabalho de interdisciplinaridade (Administração, Medicina, jornalismo, Pedagogia e Filosofia) em que uma ferramenta de prestação de serviço se tornou uma ocasião pedagógica de aprender fazendo, de aprender problematizando ou de aprender pesquisando, ou seja, uma metodologia ativa.

1.3 Metodologia de planejamento

O processo de construção do planejamento para implementação de qualquer atividade humana é de fundamental importância, no contexto da inovação pedagógica não poderia ser diferente. Dentro do próprio ambiente da pedagogia a elaboração de projetos político-pedagógicos, ementas de disciplinas e cursos, planos de aulas e metas é praxe consolidada.

Neste ciclo do PIP FILO foi sugerida a utilização de uma metodologia de planejamento importada da administração de empresas. Esta opção trouxe uma visão interdisciplinar para a construção de planejamento das atividades de inovação pedagógica que seriam implementadas. Inicialmente os MIPs foram orientados sobre a construção de Planos de Ações das atividades que seriam desenvolvidas durante o semestre.

Inicialmente os monitores do Projeto de Inovação Pedagógica (MIPs) foram orientados sobre a construção de Planos de Ações das atividades que seriam desenvolvidas durante o semestre, com a utilização da ferramenta de gestão da qualidade 5W2H.

A ferramenta constitui-se em um conjunto de perguntas direcionadoras em estrutura de *checklist* de atividades, prazos e responsabilidades que devem ser desenvolvidas com o máximo de clareza e eficiência pelos envolvidos em um projeto/atividade/ação. As perguntas de origem inglesa formam uma sigla com as sete iniciais, 5W2H, com o seguinte significado: What (o que será feito?); Why (por que será feito?); Where (onde será feito?); When (quando será feito?); Who (por quem será feito?); How (como será feito?) e How much (quanto vai custar?).

Quadro 1 - Modelo de Plano de Ação

Projeto:	Título do projeto					
DATA INÍCIO:		DATA CONCLUSÃO:				
RESPONSÁVEL:	Responsável pelo projeto					
OBJETIVO:	Objetivo a ser alcançado pelo projeto					
QUADRO DE AÇÕES						
What? O quê?	Why? Porque?	Who? Quem?	Where? Onde?	When? Quando?	How much? Quanto?	How? Como?
Definir atividade	Justificativa da atividade	Responsável pela atividade	Local onde a atividade será desenvolvida	Intervalo temporal da atividade	Custo para realização da atividade	Descrição dos métodos e meios para realizar a atividade

Fonte: Elaborado pelos autores

1.3.1 Crie seu plano de ação

Como você já deve ter percebido a criação de um Plano de Ação é bastante fácil, útil e flexível e você pode utilizá-lo em situações diversas. Um bom plano pode

viabilizar a realização de projetos ou objetivos com maior celeridade, tornando palpável a visualização de cada tarefa. Um ponto importante para o uso dessa metodologia no dia a dia é que não são necessários softwares, equipamentos e nenhum outro grande investimento. Você pode utilizar um caderno, um documento de texto ou uma planilha eletrônica, pois tudo que você precisa é de um meio para colocar as sete colunas (5W e os 2H) e comunicar o que precisa ser feito a sua equipe. E foi assim o que fizemos!

1.3.2 PBL e o 5w2h: planos de ações dos mips

Na execução das atividades como fruto da interdisciplinaridade foram executados 06 (seis) planos de ações, desenvolvidos pelos MIPs, que validaram com a coordenação do PIP e iniciaram a execução conforme planejado.

O que se denota da experiência foi a possibilidade de se vislumbrar o passo-a-passo para consecução das atividades. Como primeira experiência, depreende-se que durante a execução, empecilhos foram aparecendo de acordo com o andamento das atividades, isso exigiu dos monitores a capacidade de persistir nos planos, criar alternativas e/ou quando necessário adequar o planejado de acordo com o novo cenário.

Apresentamos abaixo os planos desenvolvidos pelos monitores de inovação pedagógica no ciclo 2022.



PLANO DE AÇÃO 01

NOME MONITOR: Abraão Mittelstad Souza

AÇÃO/ATIVIDADE: Acolhida aos Calouros

1. DESCRIÇÃO ATIVIDADE

Seminário para os novos estudantes que ingressarem no curso de filosofia elencando e respondendo as principais e, mais frequentes dúvidas, dos acadêmicos sobre o funcionamento da universidade e curso, tais como: estágio, cargas horárias complementares e utilização das plataformas oficiais da universidade.

2. OBJETIVO

Remediar dificuldades frequentes dos acadêmicos do curso e apresentar o projeto para os novos ingressantes, elencando algumas soluções e oportunidades para facilitar a adaptação à universidade.

3. METODOLOGIA

Seminário expositivo e slides

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2022					
	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Reunir material	01 ao 15					
Marcar os dias da apresentação		01 ao 15				
Promover o evento		15 ao 31				
Realizar as palestras			Conforme liberação			

Primeiros tópicos a serem abordados:

- I Projeto PIP
- I Plataformas digitais oficiais da UFT (email institucional, ava, portal do aluno, etc)
- I Matérias obrigatórias e optativa e estágio
- I Horas complementares (extensão, pesquisa e eventos)
- I Currículo Lattes
- I Cafil

Cada tema deve ter em torno de 5 minutos para apresentar um panorama geral.

- PROJETO PIIP: apresentar os MIPs e o projeto de inovação pedagógica, e os eventos e-book que já foram realizados com o projeto;
- Plataformas Oficiais da UFT: demonstrar como utilizar as plataformas da UFT, como utilizar a rede eduroam;
- Matérias obrigatórias e optativas: explicar a carga horária do curso, as matérias pedagógicas, de estudos filosóficos, e estágio obrigatório;
- Horas Complementares: mostrar a carga horária necessária para formar. Mostrar os projetos que estão sendo desenvolvidos pelo colegiado de filosofia e Proex (extensão);
- Currículo Lattes: introduzir a importância do *lattes* como currículo acadêmico, divulgar a oficina de criação de Lattes;
- CAFIL: espaço de fala para o CAFIL.

5. AVALIAÇÃO

A atividade foi realizada com sucesso na semana de recepção dos calouros. Posteriormente foi realizada uma oficina *online* de introdução ao Canvas.

PLANO DE AÇÃO 02

NOME MONITOR: Adriano Luiz Maropo

AÇÃO/ATIVIDADE: Eterno retorno 2ª edição.

1. DESCRIÇÃO ATIVIDADE

A proposta dessa atividade é continuar uma experiência realizada no canal do YouTube do PIP - Filo, na qual foi divulgado e transmitido lives com alunos formados no curso de Filosofia Licenciatura na UFT. Com isso, eles apresentaram suas monografias para alunos e interessados pelo tema. Nesses eventos, foram apresentados três monografias em dias diferentes de duração de uma hora e meia com perguntas das pessoas que estavam assistindo através do chat do canal.

A ideia é continuar esse movimento com mais três alunos egressos apresentando suas monografias tendo a duração de uma hora e meia, com meia hora de debate, tendo em mente que irei realizar uma leitura prévia de cada texto para auxiliar o convidado em suas ideias e no debate.

2. OBJETIVO

Promover o debate e diálogo entre alunos formados e estudantes do curso através do conhecimento e percurso vivido pelos egressos, proporcionando a valorização do trabalho acadêmico realizado dentro da universidade.

3. METODOLOGIA

Irei utilizar o canal do YouTube e um programa para gerenciamento da sala e do debate no dia das lives e o WhatsApp para contato com os egressos.

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2022					
	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Entrar em contato com os alunos	01 ao 15					
Marcar os dias das lives		01				
Promover o evento		01 ao 15				
Realizar as lives			05,20 e 31			

5. AVALIAÇÃO

As apresentações foram realizadas e estão disponíveis no canal do PIP-Filo no youtube <https://www.youtube.com/@PIPFILO>.

PLANO DE AÇÃO 03

NOME DO MONITOR: David Rodrigues De Castro

AÇÃO/ATIVIDADE:

Monitoria aos alunos indígenas e quilombolas pelo Projeto de Inovação Pedagógica Filosofia - UFT.

1. DESCRIÇÃO ATIVIDADE

Execução de monitoria junto ao coordenador, tutor e demais monitores durante o segundo semestre de 2022 no Projeto de Inovação Pedagógica Filosofia - UFT.

2. OBJETIVO

Executar monitoria pelo Projeto de Inovação Pedagógica Filosofia - UFT.

3. METODOLOGIA

- Participar das reuniões ordinárias todas as terças-feiras, presencialmente na universidade ou online utilizando o notebook próprio;
- Participar das reuniões de alinhamento nas segundas-feiras, normalmente online, na mesma perspectiva das reuniões ordinárias.
- Estudar as plataformas de auxílio da universidade, abrindo todas elas e ir esmiuçando as funções e entendendo como os sistemas funcionam abrindo os links e conversando com demais alunos que fazem uso dos mais diversos tipos de plataformas que a universidade oferece.
- Atendimentos e orientações individuais aos alunos, em um ambiente combinado previamente entre as partes da universidade ou mesmo virtualmente;
- Fazer relatórios mensais sobre todas as atividades realizadas;
- Participar da elaboração do e-book com os demais membros do pip;
- Participar da elaboração do artigo que sairá do ebook;
- Ajudar na produção de alguns vídeos com tutoriais curtos sobre as plataformas da UFT;

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2022						
	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Participação nas reuniões todas às terças-feiras.	07, 14, 21 e 28	05, 12, 19 e 26	02, 09, 16, 23 e 30	06, 13, 20 e 27	04, 11, 18 e 25	01, 08, 22 e 29	
Participação nas reuniões de alinhamento nas segundas-feiras.	06, 13, 20 e 27	04, 11, 18 e 25	01, 08, 15, 22, 29	05, 12, 19 e 26	03, 10, 17 e 24	07, 21 e 28	
Criar grupo de whatsapp para atender os alunos com mais facilidade.	3						
Estudar as plataformas digitais da universidade		01, 08, 15, 22 e 29					
Abrir as plataformas em busca de melhorias e atualizações.			10	14	19	16	
Envio do relatório mensal ao tutor do pip	Até dia 18	Até dia 18	Até dia 18	Até dia 18	Até dia 18	Até dia 18	
Auxílio na elaboração do e-book;							
Participar da reunião de elaboração do relatório final do semestre.				Toda sexta	Toda sexta	Toda sexta	

5. AVALIAÇÃO

A atividade foi realizada de forma parcial. Pelo feedback dado pelo monitor responsável houve dificuldade no processo de aproximação e comunicação com os alunos.

PLANO DE AÇÃO 04

NOME MONITORA: Denise Melo da Silva

AÇÃO/ATIVIDADE: Grupo de leitura – Produções de mulheres

1. DESCRIÇÃO ATIVIDADE:

Grupo de leitura de produções realizadas por mulheres. Ao decorrer dos encontros ocorrerá o estudo de duas obras escritas por mulheres que retratam o universo feminino, o primeiro encontro terá A Hora da Estrela, de Clarice Lispector, com o tema "Tomada de consciência". A segunda obra estudada, A MULHER NA LÍNGUA DO POVO de ELIANE VASCONCELLOS que possui uma abordagem sociológica e linguística sobre o universo feminino, destacando uma construção social da mulher na sociedade. O terceiro encontro proponho um encontro interativo entre as participantes, com exposição de poesias ou pequenos textos.

2. OBJETIVO

Reflexão da ficção com a realidade feminina, de cada obra trabalhada, com o objetivo de tornar mais compreensível aos olhos das participantes a condição e a complexidade das adversidades consideradas. Será desenvolvida além das rodas de conversas atividades interativas de criação de cartazes e fomentação da escrita com a finalidade de enriquecer a produção audiovisual (curta-metragem) que será produzido ao final da atividade, além de proporcionar uma experiência para as participantes.

3. METODOLOGIA

A atividade será realizada com encontros quinzenais híbridos, podendo assim, serem presenciais ou síncronos. Onde serão debatidos os temas chaves das obras. No primeiro encontro teremos uma introdução histórica da mulher ao longo dos tempos, mas destacando a condição da mesma com a educação. A Cada final de encontro a próxima obra trabalhada será apresentada, fazendo uma introdução hermenêutica do próximo objeto de reflexão. As obras serão disponibilizadas em formato digital e os debates vão ser organizados em rodas de conversas.

Para a realização da atividade será necessário um espaço físico para os encontros presenciais e para desenvolver atividades interativas.

CURTA-METRAGEM

O curta metragem será de gênero documentário, a coleta audiovisual será feita nos últimos encontros, com a participação dos indivíduos envolvidos. Para a realização do curta é necessário a elaboração de um roteiro, indivíduos que queiram colaborar com suas experiências, estrutura para realizar as filmagens e o trabalho de edição.

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2022					
	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Reunião (APRE/PARCERIA)		07/08 R.CA				
Elaboração do cronograma						
Campanha de divulgação		31/08 início				
Início da Atividade			14-09			
Desenvolvimento da Atividade			28-09	12-10 e 26-10		

ARTE DE DIVULGAÇÃO (DESENVOLVIMENTO)		EM CURSO				
CAMPANHA DE DIVULGAÇÃO		22/09	14/09			
PERÍODO DE INSCRIÇÃO			05/09 A 14/09			
FORMULÁRIOS		1° FORMULÁRIO DESENVOLVIDO PARA SABER O INTERESSE NA ATIVIDADE.	2° PARA EXPLORAR A EXPERIÊNCIA NO PRIMEIRO ENCONTRO DAS PARTICIPANTES			
DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS						
GRUPO DE LEITURA						
1° Dia: Apresentando a história e a educação (sugestão 1° mulher Ellen greice 1° mulher presidente do STF)						
<ul style="list-style-type: none"> I Apresentação do projeto I Apresentação dos membros e os objetivos I Contextualização Histórica da mulher e a Educação. I Sugestão de fala CAROL AZEVEDO, MULHERES E EDUCAÇÃO (representante das mulheres da ONU) I Introdução a biografia e obra da escritora que será trabalhada (Clarice Lispector) I Indicar recurso audiovisual - O filme da obra 						
5. AVALIAÇÃO						
<p>A atividade foi parcialmente realizada. Devido a dificuldades em realizar os encontros de forma presencial. O processo de discussão e reflexão foi levado para a plataforma Google Classroom, para realização das atividades de forma online e assíncrona.</p>						

PLANO DE AÇÃO 05	
NOME MONITOR: Igor Santos Lopes	
AÇÃO ATIVIDADE: Criação de currículo lattes para alunos do curso de filosofia, em especial para alunos indígenas e quilombolas.	
1. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Ajudar os alunos do curso de filosofia, na criação do currículo lattes, com ênfase nos alunos indígenas e quilombolas, muitas vezes, esses alunos não conseguem participar de processos seletivos que exigem esse documento como requisito de inscrição.	
2. OBJETIVO: Ajudar os alunos a ocupar os espaços da universidade, para tanto a ação pretende criar um currículo lattes para todos alunos do curso de filosofia, que necessitem do projeto.	
3. METODOLOGIA: pesquisa-aplicada , a pesquisa se enquadra no processo de apuração de quantos alunos não têm currículo lattes, depois, a aplicação é feita através desse número de estudantes, ou seja, criando o currículo para cada um, com a colaboração dos mesmos.	
4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	
Atividades	2022
Reunião com tutor para alinhamento da ação	Dia 27/06
Levantamento/coleta de dados dos alunos que participarão – solicitando a coordenação do curso os e-mails dos alunos do primeiro ao terceiro período	Do dia 01/08 a 20/08 ou em julho, dependendo da disponibilidade da

do curso.	coordenação.
Levantamento/coleta de dados dos alunos indígenas que participarão – solicitando a coordenação do curso os e-mails dos alunos, ou através do grupo de whatsapp que tem esses alunos.	Do dia 01/08 a 20/08 ou em julho, dependendo da disponibilidade da coordenação.
Criação da arte de divulgação no Canva.	Dia 01/08
Início a divulgação do projeto, por meio de whatsapp e folder no mural nos blocos de filosofia.	Dia 21/08
Desenvolvimento da ação, por meio de plataforma online, sendo presencial apenas para casos especiais de alunos que não tem acesso à internet ou não tem aparelho celular/notebook.	Do dia 1/09 a 20/09
. AVALIAÇÃO	
A atividade foi realizada na semana de recepção dos calouros e durante alguns atendimentos do monitor.	

PLANO DE AÇÃO 06

NOME MONITOR: Vinícius Barreto e Melo

AÇÃO/ATIVIDADE: Recepção e acompanhamento do acadêmico do curso de filosofia, em especial dos estudantes indígenas. Auxiliando no desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de gêneros textuais acadêmicos.

1. DESCRIÇÃO ATIVIDADE

Estabelecer uma rede de contatos/parcerias(internas) e levantamento de material bibliográfico durante o ano de 2022 capaz de oferecer suporte e meios que possibilitem uma melhor adaptação dos alunos às exigências da dinâmica de ensino, pesquisa e extensão exigidos pela UFT, no curso de filosofia. Com foco especial no desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de gêneros textuais acadêmicos(GTAs).

2. OBJETIVO

- 1 Diagnosticar os principais GTAs trabalhados em sala de aula;
- 2 Identificar quais oferecem maior desafio aos estudantes acompanhados ao longo do desenvolvimento do projeto;
- 3 Reunir quais os meios oferecidos pela academia para sanar tais dificuldades 3.

METODOLOGIA

- Reunir material bibliográfico e buscar parcerias dentro da UFT (PET, GTIQ, CA) • Apresentar o projeto em sala de aula e através das mídias digitais • Acompanhamento presencial
- Acompanhamento remoto
- análise dos dados sobre os atendimentos realizados durante o programa • Organizar os dados obtidos e publicar o resultado(relatório,

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	2022						
	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Material bibliográfico e parcerias	21 a 30	01 a 15	01 a 15				
Apresentação do projeto aos estudantes			01 a 30				

Atendimento presencial	Seg a sex						
Atendimento remoto	Seg a sex						
Avaliação do projeto e dos dados obtidos						15 a 30	
organização e publicação do material final						15 a 30	
5. AVALIAÇÃO							
<p>As atividades foram parcialmente realizadas, tanto que no processo tive que adaptar a metodologia de trabalho de forma que pudesse me inserir nos temas que alguns utilizaram nos seus produtos.</p> <p>O resultado foram atendimentos muito mais específicos, com imersão na cosmologia Xerente e outros aspectos culturais dos povos originários.</p>							

A título de exemplificação, apresentamos acima os planos desenvolvidos pelos MIPs no ano de 2022. Tendo em vista a amplitude das atividades e o quantitativo de pessoal da equipe organizadora, utilizamos um modelo reduzido nos planos. Na sequência, falaremos um pouco sobre o método de estudo PBL que utilizamos em consonância com esta ferramenta de planejamento.

1.3.3 Interdisciplinaridade e aprendizado baseado em problemas/projetos (PBL)

Por volta do ano de 1969, o curso de medicina da universidade canadense de McMaster, com sede em Toronto, fez a implementação de um novo método de aprendizado que mudaria completamente o foco do aprendizado dos estudantes: o método PBL. Baseado primordialmente na capacidade de resolução de problemas, isto é, PBL - *problem based learning*, a metodologia tem como base a alteração no papel da escola no processo de aprendizagem de modo que o aluno, e não o professor, no centro desse processo.

Quando se analisa o processo de aprendizagem tradicional, vê-se que o professor é o centro da aula, ele dita todo o roteiro, leva o conteúdo, expõe aos alunos e, de maneira sistemática, avalia como foi o processo de assimilação de conteúdo por meio de avaliações de múltipla escolha, seminários, exercícios práticos etc. Dessa forma, uma grande dificuldade encontrada nesse método é que os problemas, quando são apresentados, já possuem uma resolução bastante objetiva e só chegam até o aluno, na maioria das vezes, no momento da avaliação, ou seja, tardiamente.

Por outro lado, na metodologia PBL, os alunos, em todos os encontros, são colocados diante de situações problemas e o professor passa a ser chamado de tutor, posto que as aulas tradicionais se transformam em tutoriais. Os alunos são instigados a resolverem problemas de acordo com o conhecimento adquirido previamente sobre determinado assunto. Observe que, nesse caso, os professores passam todo o protagonismo para os alunos, de modo que existe um processo de avaliação mais contínuo e distribuído durante as tutorias, não somente por meio das tradicionais avaliações subjetivas.

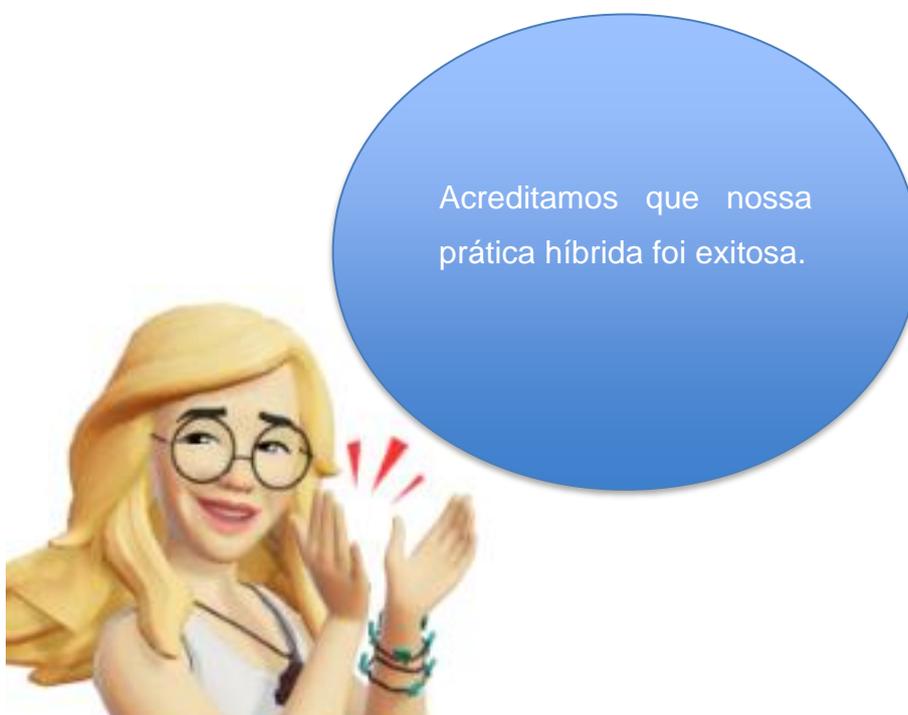
Em vista disso, a função do professor no método PBL deixa de ser a de um indivíduo que transmite determinado conhecimento e passa a ser de um facilitador de discussões que serão feitas pelos alunos. Nesse caso, o professor passa a ser muito mais alguém que direciona, que ensina caminho, para que os alunos, que não possuem experiência, possam seguir rumo à resolução.

No Brasil, o PBL é uma prática pedagógica que é muito utilizada nas escolas de medicina, porém houve muitas adaptações. Em algumas universidades como a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Federal de Jataí (UFJ) por exemplo, há um sistema misto, isto é, uma junção do método tradicional e do método PBL; posto que, em consequência de muito estudo e avaliação de muitos professores sobre as metodologias ativas, viu-se que uma das fragilidades dessas é que o aluno pode não ter uma assimilação boa em determinados conteúdos ou fases do curso, pela própria falta de experiência teórica ou vivência prática em relação a um tema. No curso de medicina, muitas vezes se faz necessário observar como uma doença se manifesta ou como determinado procedimento é feito para que então haja um aprendizado pautado em experiência e, em face disso, os alunos podem não conseguir levar para as tutorias a carga teórica necessária para as discussões.

Nessa metodologia dita mista, o aluno tem toda a base do método PBL, como as tutorias e consultorias com os professores para tirar as dúvidas sobre os temas propostos; contudo, há algumas marcas do método tradicional que se manifestam principalmente com as conferências, que acontecem após as tutorias e são basicamente aulas teóricas ou práticas ministradas pelos professores, todavia com um nível de aprofundamento e de complexidade maior que as tutorias, abarcando, por conseguinte, nichos que os alunos não conseguem chegar.

No PIP FILO, não aplicamos propriamente o PBL, mas partimos do princípio de que o problema colocado pelo projeto seria desdobrado na pesquisa e atuação dos Monitores de Inovação Pedagógica (MIPs). Por isso, nos primeiros encontros

discutimos o grande objetivo do nosso núcleo que se volta para o suporte de aprendizagem digital e também metodológica e de escrita acadêmica tendo como público prioritário os estudantes do curso. Com isso, tentamos dar à ferramenta 5W2H trazida da Administração uma dimensão pedagógica, inspirando-se nesta metodologia de ensino-aprendizagem.



2 METODOLOGIA DE ESCRITA ACADÊMICA

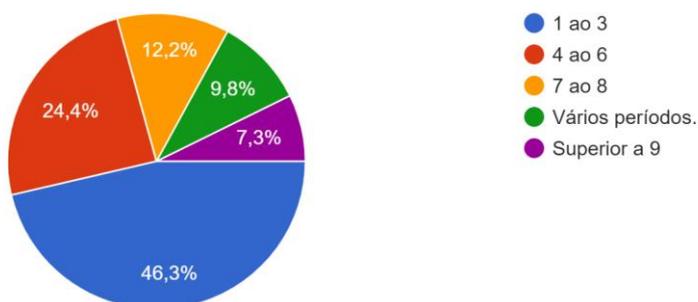
2.1 A necessidade de aprender pela experiência na Universidade

Quando pensamos na Universidade e na experiência de aprender, a primeira coisa que temos que entender é a necessidade de pensar nos acadêmicos que estão iniciando essa nova fase de suas vidas, perguntas como: de que lugar eles vêm? Quais são as dificuldades enfrentadas por eles? Por meio do PIP FILO, que tem como uma das suas intenções atender os acadêmicos de todos os períodos de filosofia da UFT, deparamo-nos com diversas dificuldades, tais como:

1. Falta de conhecimento das plataformas digitais que são utilizadas pela Universidade, como por exemplo: cubo, sisma e portal do aluno;
2. dificuldades em leitura e produção de textos acadêmicos;
3. Dificuldade na língua portuguesa e em decorrência disso a dificuldade de acompanhar as disciplinas;
4. os obstáculos enfrentados pelos estudantes em conciliar trabalho e a carga horária do curso no seu cotidiano;
5. e a dificuldade em criar o hábito de estudar todos os dias.

Dentro destes pontos, iremos focar aqui apenas em dois pontos (o dois e cinco) por serem os obstáculos enfrentados pela maioria dos acadêmicos de filosofia como consta nas respostas ao formulário que o CAFIL e o PIP-FILO elaboraram e que quarenta e um alunos responderam. Vejamos:

2. Período atual:
41 respostas



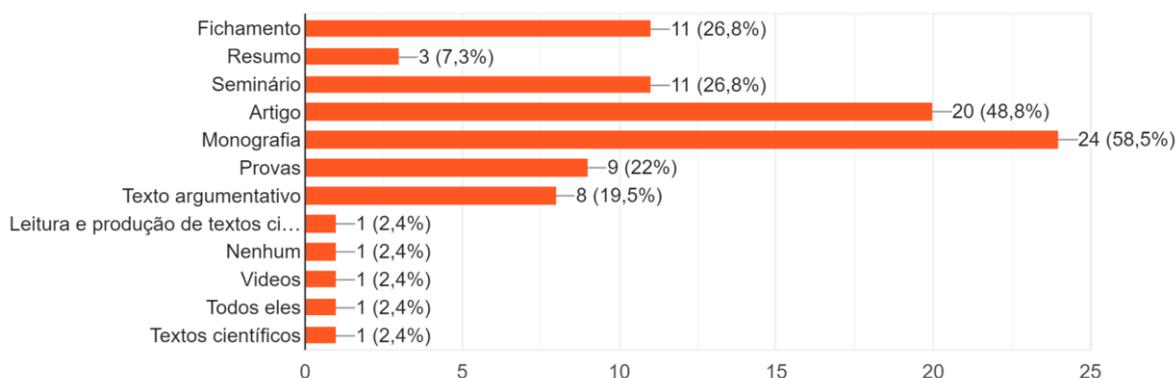
Como podemos perceber no gráfico acima, temos muita desistência ao longo do curso, quando comparamos a porcentagem dos primeiros períodos para os demais. Pensando nos pontos elencados acima (dificuldades dois e cinco), iremos apresentar sugestões para auxiliar os estudantes.

2.2 A necessidade de falar de metodologia

Dentro da enquete que os MIPS realizaram pelo *google forms*, as principais dificuldades apontadas pelos acadêmicos de filosofia foram relativas a estas três atividades acadêmicas: 1 Monografia; 2 Artigos; e 3 Fichamentos. Como podemos comprovar no gráfico a seguir.

23. Você tem dificuldade em algum dos gêneros textuais acadêmicos abaixo:

41 respostas



Quando pensamos nesses trabalhos acadêmicos que são cobrados nas disciplinas, percebemos que a tendência é voltada para a escrita de textos cobrados pelos professores e pelo curso, com destaque para o trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual é obrigatório para garantir o direito ao diploma de licenciado em Filosofia.

2.3 Técnica de estudo e gêneros acadêmicos

Para auxiliar nestas dificuldades de estudo e escrita acadêmica, iremos apresentar uma estrutura de passo a passo que vai de técnica de estudo aos gêneros

textuais acadêmicos, proporcionando algumas dicas que vão ajudar nas quatro principais dificuldades que foram apresentadas no gráfico.

2.3.1 Técnica pomodoro

Trabalhando gêneros textuais devemos pensar antes em uma técnica de estudo. Algo simples para que possamos depois entrar na seara dos textos acadêmicos. Nossa sugestão aos estudantes é utilizar a técnica pomodoro. Francesco Cirillo nos dá uma pista sobre esta técnica no prefácio de seu livro *A técnica pomodoro*:

Dei corda no primeiro pomodoro em uma tarde nublada de setembro de 1987. O cenário era o terraço de uma casa na aldeia medieval de Sutri, 50 quilômetros ao norte de Roma, onde passava férias com minha família. A tarefa era clara, mas assustadora: “Quero terminar este capítulo.” O capítulo em questão era o primeiro de um livro de Sociologia que estava lendo para uma prova que eu faria na faculdade dali a algumas semanas. Naquela tarde, não passava pela minha cabeça que um dia milhões de pessoas em todo o mundo repetiram o mesmo gesto de dar corda em um timer no formato de um tomate (pomodoro em italiano) para afastar as distrações e alcançar seus objetivos dentro de um período de tempo determinado (CIRILLO, 2006, p. 06).

Como podemos perceber pela citação, pomodoro é uma técnica que prioriza a determinação de tempo, foco e disciplina. Por isso, começamos por esta técnica para demonstrar que a prática acadêmica necessita destes elementos para o aprendizado dentro e fora da Universidade.



Fonte: acervo dos autores²

² Imagem de um temporizador de cozinha em formato de tomate fazendo referência ao método pomodoro

A base da técnica pomodoro consiste em um timer de 25 minutos de foco na tarefa estabelecida sem pausar e depois 5 minutos de pausa, isso em um ciclo de 3 25 e 5 e no quarto ciclo uma pausa de 15 minutos, os benefícios dessa técnica de estudo consiste em estabelecer períodos de foco e concentração para estudar de forma efetiva. Como sabemos, para estudar com êxito precisamos aprender a criar um hábito constante em nossas vidas como bem argumenta Gabriela Bailas nesse trecho do livro Aprenda a estudar:

Tenho certeza que por diversas vezes você já ouviu as pessoas mandarem você se concentrar, mas ninguém nunca explicou como você aprende a se concentrar. A concentração é um “músculo” e como qualquer músculo você precisa de exercícios e treinos diários.(BAILAS, 2021, p. 2021).

Agora, depois dessa técnica, podemos ir para gêneros textuais acadêmicos. espero que o pomodoro proporcione um caminho para ajudar na sua prática de estudar todos os dias e proporcione um caminho com êxito rumo à conclusão de sua graduação.

2.3.2 Elaborando trabalhos acadêmicos

Como pudemos ver no começo deste tópico, a escolha desses trabalhos acadêmicos foi embasada nos apontamentos dos estudantes de filosofia. Para orientar a produção das atividades acadêmicas, temos o Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UFT e os Modelos (templates), os quais iremos utilizar (de algumas partes) nos próximos tópicos. Segue o link de acesso a estes documentos, abaixo:

<https://ww2.uft.edu.br/index.php/sisbib/formatacao-de-trabalhos-academicos>



Fonte: Instagram oficial da biblioteca da UFT

2.3.2.1. Monografia

Uma das exigências obrigatórias para conclusão de curso na Universidade Federal do Tocantins (UFT) é a apresentação e defesa de uma monografia, que possui um nome já autoexplicativo: trata-se de um trabalho em geral feito individualmente sobre um assunto sob orientação docente:³ *monos* (um), *grafia* (escrita), ou seja, escrita sobre um tema, um assunto, um ponto considerado importante pelo estudante e pelo curso.

Pensando nas dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos na escrita do trabalho de conclusão de curso, é que surge esse tópico com o intuito de facilitar e desmistificar os empecilhos que atrapalham o desenvolvimento da escrita. Estão destacados abaixo, em subtópicos, os principais elementos textuais exigidos pelas normas da ABNT para monografias, seguidos de uma breve e descontraída explicação que busca sintetizar a metodologia científica de maneira descomplicada. Ressalto que o interesse nesse tópico não é ser um manual de normas e sim um material didático que auxilie os estudantes nos dilemas enfrentados na escrita do TCC. Para ter completo acesso a todas as regras e exigências da ABNT, recomendamos consultar o manual de normas da UFT, cujo link foi acima postado.

³ Você sabia que: Na escrita da monografia como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na UFT, existe a possibilidade de se ter 2 orientadores: um orientador e outro coorientador, desde que haja acordo entre os professores.

2.3.2.1.1 Elementos pré-textuais

Os elementos pré-textuais, são tudo aquilo que antecede a escrita principal do texto, ou seja, todas as laudas anteriores à introdução. Existem alguns elementos pré-textuais que são obrigatórios, tais como: capa, contracapa, folha de aprovação, resumo, lista de ilustrações (se houver ilustrações no texto), lista de tabelas (se houver tabelas no texto), lista de abreviaturas e siglas (se houver abreviaturas e/ou siglas no texto), listas de símbolos (se houver símbolos no texto) e sumário. Mas também existem os elementos opcionais, tais como: errata, dedicatória e agradecimentos e epígrafe.

Isso é o que todo e qualquer site ou manual vai informar baseado nas normas da ABNT. A proposta aqui é diferente tendo em vista que este texto foi escrito por um estudante em filosofia que está passando pelas dificuldades inerentes de uma monografia e quer deixar aqui a sua experiência para servir como auxílio para os colegas que passarão por uma situação semelhante.

Fazer a capa, contracapa, folha de rosto etc é fácil, difícil é escolher e delimitar o tema, para poder chegar ao título do trabalho. O recorte temático é anterior aos elementos pré-textuais, afinal a capa da monografia carrega em si o título da obra, que foi, antes de ser título, tema. A escolha do tema pode começar com um exercício de abstração mental guiada pelas seguintes perguntas: Por quê? Para quê? Como?

É mais simples do que parece: suponhamos que o tema seja **Monografias**, e o título: **Como fazer uma monografia**. Podemos perguntar:

Por quê? Caráter útil. Porque em todo trabalho de conclusão de curso da UFT e na maioria das Universidades é uma exigência obrigatória para obtenção do diploma de graduação.

Para quê? Caráter teórico. Para analisar, pesquisar, criticar, defender, ensinar, etc a necessidade de tal exigência para o título de graduado.

Como? Caráter metodológico. Escrevendo a partir do estudo e pesquisa bibliográfica acerca do tema, filtrando de acordo com a relevância. Exemplo: pesquisar sobre metodologias avaliativas em cursos superiores, processo de ensino e aprendizagem, metodologia científica, etc.

Ao responder essas 3 perguntas com facilidade, múltiplas escolhas e respostas satisfatórias, você já estará mais do que preparado para escolher um tema e delimitá-lo em um futuro título que estará impresso na capa: primeiro elemento pré-textual da monografia.

Para aprender a criar todos os elementos pré-textuais de acordo com as Normas ABNT, conferir o manual de normalização de trabalhos da UFT.

2.3.2.1.2 Resumo

O resumo é um elemento pré-textual que normalmente é o penúltimo a ser escrito, depois até mesmo da conclusão e antes apenas da introdução, afinal o resumo deve conter a síntese da obra em até 500 palavras. Portanto, o recomendado é acabar toda a escrita do texto, para depois resumi-la. Não tem muito segredo! Abuse do poder de síntese e resalte a ideia central do texto de maneira sucinta. Escreva brevemente sobre o método e, por fim, conclua. Segundo as normas da ABNT, deve-se usar espaçamento simples e justificado, conter no máximo 5 palavras chaves, além da necessidade do resumo em língua estrangeira.

2.3.2.1.3 Introdução

Finalizado os elementos pré-textuais, chegamos aos elementos textuais. E a introdução é o primeiro deles. Ela é a parte inicial do texto, mas que é escrita por último. Paradoxal não é mesmo? Mas não se assuste, normalmente é assim mesmo.

Deve conter uma breve explanação sobre os principais tópicos e principais ideias ao longo do texto, também deve conter uma espécie de "guia" para que o leitor saiba do que se trata o trabalho, da forma como foi dividido, o que cada capítulo irá ter escrito e por fim quais as conclusões foram inferidas ao longo do trabalho. Segue as mesmas regras de formatação do desenvolvimento. Outros elementos que devem aparecer na Introdução de maneira destacada em tópicos ou dissolvidos nos parágrafos são os objetivos e a metodologia:

OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS). É através dos objetivos específicos que se alcançará o objetivo geral. O objetivo geral é um só e se refere à finalidade do texto, já os específicos podem ser até cinco e são como essa finalidade será alcançada. Deve-se usar verbos no infinitivo para definir os objetivos, estes, que formarão a estrutura da monografia.

Vamos ao exemplo: Se o objetivo geral for criticar o neoliberalismo, posso alcançá-lo através de objetivos específicos como: desmistificar a teoria neoliberal, criticar a ideologia mercadológica do neoliberalismo, apontar os aspectos negativos do neoliberalismo, relatar a crescente desigualdade social, etc.

METODOLOGIA. A metodologia diz respeito ao método, autor ou epistemologia usada por trás da escrita: qual visão de mundo é pressuposta? Qual autor (ou autores)? Qual método? Sob qual teoria a escrita está embasada? Todas essas perguntas ajudam a compor a metodologia. Existem diferenças em cada teoria e quem escreve a monografia tem que saber bem o que quer fazer e como fazer.

Vou dar um exemplo para facilitar o entendimento: se o objetivo da monografia for uma crítica ao neoliberalismo existem inúmeras referências: Naomi Klein, Wendy Brown, David Harvey, Pierre Dardot, Christian Laval, Slavoj Žižek, Michel Foucault, Antonio Negri, brasileiros temos: Vladimir Safatle, Christian Dunker, Alfredo Saad Filho, Jurjo Torres Santomé, etc. Isso não significa que você deva usar todos os autores acima, afinal cada um escreve sob um viés, um tema, um recorte, o recomendado é filtrar os autores pela ideia que melhor coaduna com o tema de sua monografia. Não é porque você conhece e gosta de tal filósofo ou filósofa que deve citá-lo. A escolha dos autores está intrinsecamente ligada ao tema e ao título, portanto busque combinar tema, título com metodologia adequada.

Na parte específica referente a monografia do curso de Filosofia, é importante ressaltar o caráter epistemológico da metodologia, para não ocorrer equívocos. Mas afinal o que é epistemologia? Epistemologia é comumente definida como teoria do conhecimento, ramo da Filosofia responsável por investigar as formas de conhecimento. Nesse sentido, a teoria por trás da escrita tem que condizer com o método e com as referências bibliográficas, portanto na escolha do método e dos autores principais deve-se, em algum nível, haver confluência com a mesma teoria científica a fim de não confundir o leitor. Em termos práticos não cometa “a salada de fruta” epistemológica que é misturar vários autores que pensam diferentes (às vezes até discordam veementemente) de forma que não coadunam. Exemplo: misturar o método positivista ou funcionalista com o materialismo histórico-dialético.

2.3.2.1.4 Desenvolvimento

A parte essencial e central dos elementos textuais: o desenvolvimento. É aqui onde o texto ganha corpo e onde são apresentados os argumentos escolhidos de acordo com a proposta do trabalho. Trata-se das premissas que chegarão à conclusão. É a partir do método e dos objetivos que será possível desenvolver as ideias, para que estas se materializem e se tornem escritas. Como intermediário da conclusão, o desenvolvimento deve fornecer argumentos plausíveis para o entendimento do tema, de forma que no corpo do texto contenha as informações necessárias para chegar à conclusão prevista.

Exemplo: se o método for o materialismo histórico-dialético e o objetivo for criticar o neoliberalismo, o desenvolvimento se dará na contextualização do que é neoliberalismo, como surgiu, quem criou, quais características, quais problemas o neoliberalismo acarreta na realidade, etc.

O desenvolvimento é onde os objetivos específicos são expostos para formarem o objetivo geral no conjunto da obra. Dividido em capítulos e tópicos, o corpo central do texto é quebrado em várias partes a fim de dividir os assuntos abordados ao mesmo tempo que delimita e facilita a escrita, afinal escrever 25 laudas⁴ parece infinitamente mais difícil sem a divisão de capítulos e tópicos.

Vou dar outro exemplo para facilitar: se dividirmos uma monografia em 3 capítulos, e se cada capítulo tiver 2 tópicos, serão 6 divisões entre seções e subseções. As 25 laudas divididas entre 6, ficaria aproximadamente 4 laudas para cada capítulo e tópico. Trata-se da segunda regra do método cartesiano: dividir as dificuldades em partes menores para facilitar a solução. Essa divisão permite a melhor elaboração mental do tema e dos argumentos ao longo do texto.

É desejável substituir a palavra desenvolvimento por títulos criados para cada capítulo e tópico. Todo o corpo do texto deve ser escrito com os seguintes padrões de referência conforme ABNT:

Margens: 3cm superior e esquerda, 2cm inferior e direita para anverso, e para o verso: 3cm superior e direita, 2cm inferior esquerda.

Espaçamento: 1,5.

Alinhamento: Justificado.

Fonte e tamanho: Arial ou Times New Roman, tamanho 12.

⁴ Exigência mínima obrigatória de corpo de texto para apreciação de monografias na Universidade Federal do Tocantins (PPC de Filosofia).

Parágrafo: Primeira linha do parágrafo pode ter 1,25cm ou 2cm. Já no caso de citações diretas longas, usar 4cm.

Para saber o conjunto de todas as variações das regras e especificidades, consultar o Manual de normalização de trabalhos da UFT.

2.3.2.1.5 Conclusão

Aqui, é onde o desfecho do texto se dará a partir do desenvolvimento. É essencial que a conclusão siga minimamente a lógica formal de estrutura de um argumento: onde o desenvolvimento são as premissas e a conclusão é a afirmação final. Dessa forma, a conclusão deve apresentar os resultados a partir de inferências lógicas que condizem com a realidade e com o desenvolvimento do trabalho. Segue as mesmas regras de formatação do desenvolvimento.

2.3.2.1.6 Citações

As citações são trechos retirados de obras que darão embasamento científico para a obra defendida pelo autor. Servem para reafirmar a intenção da escrita do texto e dar força aos argumentos defendidos através de uma espécie de “apelo à autoridade”. Algumas fontes recomendadas para usar como base de citações são artigos, periódicos de revistas acadêmicas, livros, anais de eventos, etc. Para pesquisar e encontrar os arquivos acima existem plataformas que filtram e redirecionam para fontes seguras e confiáveis como por exemplo: *Google Scholar*, *Scielo* e sites de periódicos de Universidades.

Existem 2 tipos diferentes de citações, a saber: diretas e indiretas. A primeira é a transcrição literal tal qual está na obra; a segunda é quando o escritor usa as próprias palavras para traduzir o pensamento do autor citado. As citações diretas podem ser longas: quando tem mais de 3 linhas e ficam separadas (como um parágrafo) com fonte 11 (onze) e pode ser recuada em 4 (quatro) centímetros; ou curtas quando tem mais de 4 linhas. Neste último caso, a citação fica no próprio corpo do texto entre aspas. Recomenda-se que se faça a referência logo após a citação usando (Autor,

data, página) em caso de citações diretas; e, em caso de citações indiretas (na qual se coloca a passagem sem literalidade), não há necessidade de se colocar a página.

Para saber o conjunto de todas as variações das regras e especificidades, consultar o Manual de normalização de trabalhos da UFT e olhar as citações ao longo deste ebook, as quais servem como modelo. Lembrando que aqui seguimos a referência do nome em caixa alta (tudo maiúsculo), porém é possível deixar com tamanho normal.

2.3.2.1.7 Notas de rodapé

São as informações e apontamentos ou referências e citações que são feitas pelo autor a fim de facilitar o entendimento sem dispersar o tema da obra, para isso devem ser sucintas. São escritos que agregam valor teórico ou científico ao texto e que normalmente são usados para explicar algum conteúdo específico do texto. Também são feitas para trazer informação pertinente ou para referenciar autores, obras e citações que foram usadas ao longo da escrita. Cada nota de rodapé possui um número, que segue a ordem crescente e são escritas que aparecem no final da página, especificamente no canto inferior esquerdo, em fonte tamanho 10. Uma dica: para abrir uma nota de rodapé pressione no teclado do computador, ao mesmo tempo, Ctrl + Alt + F. Pronto! Agora é só fazer suas notas!

2.3.2.1.8 Referências bibliográficas

Refere-se a todo conteúdo que serviu de base para as citações diretas e indiretas do texto. Segundo as normas da ABNT devem ser escritas em ordem alfabética e seguindo um ordenamento na grande maioria assim: (SOBRENOME, Prenome do autor. **Título:** subtítulo. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Páginas.)

Podem ser usados como referências bibliográficas: vídeos, fotos, documentários, textos, artigos, teses, livros, monografias, entre outros. É recomendado considerar o autor, época e a relevância do texto ou imagem a fim de filtrar o conteúdo na hora de elencar as referências.

Para saber o conjunto de todas as variações das regras e especificidades, consultar o Manual de normalização de trabalhos da UFT e olhar as referências bibliográficas feitas ao final deste *ebook*.

2.3.2.2 Seminário

2.3.2.2.1 O que é um seminário?

Embora esse termo seja amplo, no meio acadêmico ele é usado principalmente para referir-se à exposição de um assunto a ser estudado como parte dos trabalhos de uma disciplina: uma metodologia de aprendizagem utilizada pelo professor para dinamizar as aulas. Trata-se, nesta acepção, de um tipo de trabalho colaborativo em que o docente confia a uma equipe um tema a ser pesquisado, preparado e apresentado para todos da turma. Há outros tipos de seminários, tais como: tipos de eventos em que se tem palestras e se compartilham pesquisas (V Seminário de Filosofia: ética, tecnologia e capital); e também disciplinas no interior do currículo nas quais se dão ferramentas de pesquisa e produção para os estudantes (Ex: Seminário de Projetos; Seminário de Pesquisa etc). Aqui, nosso foco é no primeiro significado, a saber: metodologia de ensino-aprendizagem.

2.3.2.2.2 Para que serve um seminário?

Serve como uma metodologia a ser utilizada para que um conhecimento seja pesquisado e compartilhado, podendo ter (e geralmente tem!) um espaço para interação com os ouvintes.

2.3.2.2.3 Como preparar um seminário?

Passo 1. Faça a escolha do tema (geralmente é o professor quem escolhe!)

Ter um assunto específico para ser tratado é a base para o que virá.

Passo 2. Pesquisar sobre o assunto escolhido

Busque conhecer o que existe sobre o assunto que você vai tratar. Veja quais autores escreveram sobre esse tema e o que eles disseram. Haverá pontos de vista diferentes e interpretações variadas dadas pelos autores e isso, além de ser normal, dar-te-á um leque de perspectivas. Depois disso fica mais fácil você ter uma visão

geral e fazer uma análise crítica para chegar às suas próprias conclusões acerca do que pensa sobre o assunto a ser abordado.

Passo 3. Estructure o conteúdo que você vai usar

Para ajudar, lembre-se das características de uma redação: introdução, desenvolvimento e conclusão.

1 - Introdução - É muito importante você apresentar o assunto, trazer as pessoas (público-alvo) para o universo do que será abordado. Diga o que é o assunto, porque ele será tratado. Fale de sua importância e o que está querendo com isso, onde está querendo chegar. Dê um chão para que as pessoas possam pisar, caso contrário elas ficarão perdidas. Tome esse cuidado, ok?. Isso é valioso para um bom seminário. É começar com o pé direito.

2 - Desenvolvimento – Agora é a hora de você se aprofundar no conteúdo. Olha só: dividindo o desenvolvimento em partes fica mais fácil e mais didático tanto para você que vai falar (explicar, ensinar, mostrar...) como para as pessoas que vão ouvir (entender, aprender e receber...). Uma opção é dividir em tópicos e subtópicos. O objetivo aqui é apresentar os pilares, aquilo que dá base e sustentação ao assunto que está sendo tratado e fazer isso de forma estratégica. Ou seja, não basta ter um conteúdo bom, ele precisa estar organizado e ser abordado de forma compreensível. Isso ajuda o cérebro a fazer conexão do todo com as partes. Lembre-se: precisa fazer sentido e deixar esse sentido o mais claro possível para todos.

3 - Conclusão – Esse é o grande final. O mais difícil já passou, agora você faz o fechamento. É aquele popular “ e aí? ”, uma espécie de “ como a gente fica diante disso tudo?” Trazer questionamentos, tirar lições e mostrar possibilidades de caminhos vão ser muito úteis nesse momento. O seu seminário é como uma corrida: tem a largada, o trajeto a ser percorrido e a chegada. Esse é o momento da chegada, deixe isso notório, bem vivo na cabeça das pessoas. Mostre aonde chegou, a que veio, e de certa forma festeje isso; afinal, foi uma conquista, não é mesmo!? Mostre o valor da chegada, para onde o conteúdo do seminário levou as pessoas, deixe claro qual é o prêmio e entregue a coroa! Esse é o “fechar com chave de ouro!!!”

Passo 4. Dicas importantes

Veja alguns detalhes que fazem a diferença para um seminário de qualidade.

1 – Busque material de apoio

Trazer imagens, exemplos, ilustrações e vídeos podem ajudar na atenção e no entendimento das pessoas diante do conteúdo que está sendo passado.

2 – Faça interação com os ouvintes

Dialogue com as pessoas. Mostre para o público do seminário que você os vê e que está se relacionando com eles. Isso gera conexão e traz as pessoas para mais perto de você. Tendo tudo isso em vista, a jornada fica mais fácil, melhor e mais prazerosa.

3 – Criação de Slides

A criação de slides te ajudará a estar e continuar no caminho certo. Vai evitar que você se perca no meio do percurso e ajudará o público a te acompanhar nos trajetos. Capriche nos slides! Ou senão, faça pelo menos um pequeno roteiro num papel com alguns tópicos e possíveis citações e informações importantes.

4 – Escolha uma plataforma

A apresentação de slides, imagens, vídeos e outros recursos precisam de uma plataforma. Veja a que melhor possa atender suas necessidades. Alguns exemplos são *powerpoint*, *canva*, *jamboard* e *genially*. A forma de usá-lo você encontra em tutoriais como o canal no Youtube do PIP FILO e em outro ebook deste projeto que você pode baixar gratuitamente por este link: <https://repositorio.uft.edu.br/handle>. Sempre haverá no seu curso um monitor para ajudar. Não se envergonhe em pedir auxílio. Eles ficarão felizes em poder ajudar.

5 – Pratique várias vezes

Simular você apresentando o seminário vai te dar segurança e domínio para o momento da apresentação. Treine até ficar bom. Pedir a algumas pessoas para ver o seu ensaio e depois fazerem apontamentos ajuda nesse processo.

6 – Gerencie o tempo

Veja quanto tempo você terá para apresentar o seminário. Planeje e se adeque para cumprir o tempo de modo eficaz.

7 – Reserve um tempo para perguntas e dúvidas

Algumas pessoas podem ter dúvidas ou querer fazer perguntas sobre o assunto. Uma possibilidade é reservar um tempo no final para esse objetivo. Caso sejam muitas dúvidas e perguntas e o tempo fique pouco, você poderá dar um meio de contato para que as pessoas possam fazer perguntas ou tirar dúvidas também posteriormente.

8 – Sua postura e expressão corporal

Tenha uma boa postura. Isso conta positivamente a seu favor, principalmente no início para dar aquela boa primeira impressão. Sua expressão corporal favorece a credibilidade de sua imagem pessoal.

9 – Seu público alvo

Estude seu público alvo, pois o conteúdo será preparado para eles. Logo, conhecer suas necessidades, seus interesses e seu contexto de vida será útil. Adeque o conteúdo à realidade dos ouvintes. Exemplos, ilustrações e contextos de vida que dizem respeito a eles são favoráveis e oportunos. Isso ajudará no processo de ensino-aprendizado e na assimilação do conteúdo.

10 – Teste os equipamentos

Verifique com antecedência se os equipamentos estão funcionando e se tudo está ok. Evite erros e defeitos que podem ser resolvidos com testes antecipados.

11 – Se for uma equipe

Se o seminário for apresentado por mais de uma pessoa, uma equipe, lembrem-se de dividirem bem as partes e deixar claro as responsabilidades de cada integrante, com datas e prazos estabelecidos.

12 – Planejamento e ação

É prudente que tudo seja estipulado com antecedência, uma vez que podem haver imprevistos. Dividir os trabalhos em metas a serem cumpridas, com prazos, semanas, por exemplo, ajuda para que as tarefas não fiquem para última hora. Prepare seu seminário de um jeito prudente e leve por etapas e um pouco de cada vez.

13 – Apresentação pessoal e agradecimentos

Antes de começar a apresentação do seminário se apresente e fale com o público. Diga seu nome, deseje bom dia, boa tarde ou boa noite (a depender do horário), dê boas-vindas a todos, sorria e seja amigável.



Demonstrar educação e cordialidade funciona como um bom “quebra-gelo”. Seja sua melhor versão!

3 OFICINAS: FERRAMENTAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA EDUCAÇÃO E VIDA ACADÊMICA

3.1 Como criar o seu currículo *lattes*

Os espaços universitários abrangem uma série de relações sejam elas públicas, de poder ou até mesmo de privilégios. Por isso, um dos papéis do nosso projeto de inovação pedagógica foi o de encontrar metodologias que auxiliassem na desconstrução desses paradigmas. Para tanto, nossas pesquisas resultaram em subprojetos que dentro de uma metodologia prática pretende auxiliar os universitários a ocuparem de maneira cada vez mais abrangente os espaços universitários.

Em uma de nossas reuniões foi levantada a discussão sobre o currículo *lattes* (base de dados curriculares da plataforma *lattes* mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) documento cada vez mais requisitado para processos internos e externos à Universidade. Em razão disso, muitos dos estudantes de filosofia da UFT e de outros cursos não conseguem participar de processos seletivos e cursos que cobram este documento como requisito de inscrição, pois lhes faltam acesso a meios tecnológicos por meio do qual é criado o currículo. Esses universitários ficam cada vez mais marginalizados dentro dos espaços universitários.

Por este motivo, o PIP FILO fomentou um projeto para auxiliar os estudantes na criação desse documento. A ação aconteceu de maneira remota e presencialmente (híbrido), conforme a solicitação e disponibilidade do estudante. Este subprojeto pretende atender preferencialmente os estudantes que ingressaram recentemente na universidade, porém se estende a toda comunidade acadêmica. Desse modo, pretende possibilitar a criação de um currículo *lattes* para todos os estudantes interessados, ajudando-os numa melhor experiência no curso, na Universidade e na vida acadêmica como um todo. E, como este ebook, pretende também contribuir para auxiliar aqueles que não participaram de nossa oficina, segue abaixo uma exposição do passo a passo de como criar um curriculum *lattes*.

Passo 1. Clique no seguinte link para acessar a página inicial da plataforma lattes:

<https://lattes.cnpq.br/>

Passo 2. Você será redirecionado para a página inicial da plataforma *lattes*. Clique no botão “cadastrar novo currículo”.



Passo 3. Serão necessárias algumas informações pessoais para a criação do documento, tais como: país de nacionalidade; email; e senha. Além disso, você deverá preencher os campos de confirmação dessas informações. Para finalizar a etapa, clique em “próxima”.

The screenshot shows the registration form for the Lattes Curriculum on the CNPq website. The form is titled "Cadastrar-se no Currículo Lattes" and includes the following fields and options:

- País de Nacionalidade:** A dropdown menu.
- E-mail:** A text input field with a sub-label "Digite um e-mail válido".
- Confirmo o e-mail:** A text input field with a sub-label "Digite o e-mail novamente para confirmação dos dados".
- Senha:** A text input field with a sub-label "Crie uma senha para entrar no sistema Lattes".
- Confirmo a senha:** A text input field with a sub-label "Digite sua senha novamente para confirmação dos dados".
- Options:** A checkbox labeled "Eu não recebo e-mails, envie-me uma notificação".
- Buttons:** A red "Cancelar" button and a blue "Próxima" button.

Passo 4. Nesta página, serão requisitadas estas informações pessoais: foto de perfil, primeiro nome, sobrenome, data de nascimento, país de nascimento, sexo, cor, número do CPF, número de identidade, órgão emissor da mesma, UF, data de emissão, caso tenha passaporte poderá adicioná-lo também, informando o número, data de validade, data de emissão, país emissor, primeiro nome do pai, sobrenome do pai, primeiro nome da mãe, sobrenome da mãe. Após o fornecimento dos dados, clique em “próxima” para avançar.

The screenshot shows the "Informação pessoal" form on the CNPq website. The form is titled "Informação pessoal" and includes the following fields and options:

- Nome civil:** Fields for "Primeiro nome" and "Sobrenome".
- Dados pessoais:** Fields for "Data de nascimento", "País de nascimento", "Sexo", and "Cor ou Raça".
- Identificação:** Fields for "Número do CPF", "Número de identidade", "Órgão emissor", "UF", and "Data de emissão".
- Passaporte:** Fields for "Número de passaporte", "Data de validade", "Data de emissão", and "País emissor".
- Família:** Fields for "Primeiro nome do pai", "Sobrenome do pai (nome de família)", "Primeiro nome da mãe", and "Sobrenome da mãe (nome de família)".
- Nome social:** A checkbox labeled "Desejo utilizar o nome social?".
- Nome acadêmico:** A section for academic information.
- Buttons:** A red "Cancelar" button and a blue "Próxima" button.

Passo 5. Nesta página, serão cobradas as informações, sobretudo no que diz respeito a sua formação acadêmica, aquilo que já foi concluído, deve ser informado no primeiro tópico, com a respectiva instituição e ano de início e término. Há também um espaço para colocar informações sobre formações acadêmicas que estão em andamento. Ao finalizar o processo, clique em “próxima”.

Passo 6. Nesta página, você poderá colocar alguma atuação profissional que realiza, ou não, caso não tenha. Depois, clique em “próxima” para avançar para a última página.

Passo 7: Por fim, complete os tópicos informando sua área de atuação e habilidades linguísticas.

Passo 8. Parabéns, você acabou de criar um currículo *lattes*, geralmente a plataforma o libera num prazo de 24 horas. É importante que você atualize o documento periodicamente para melhor utilizá-lo nos seus devidos fins.

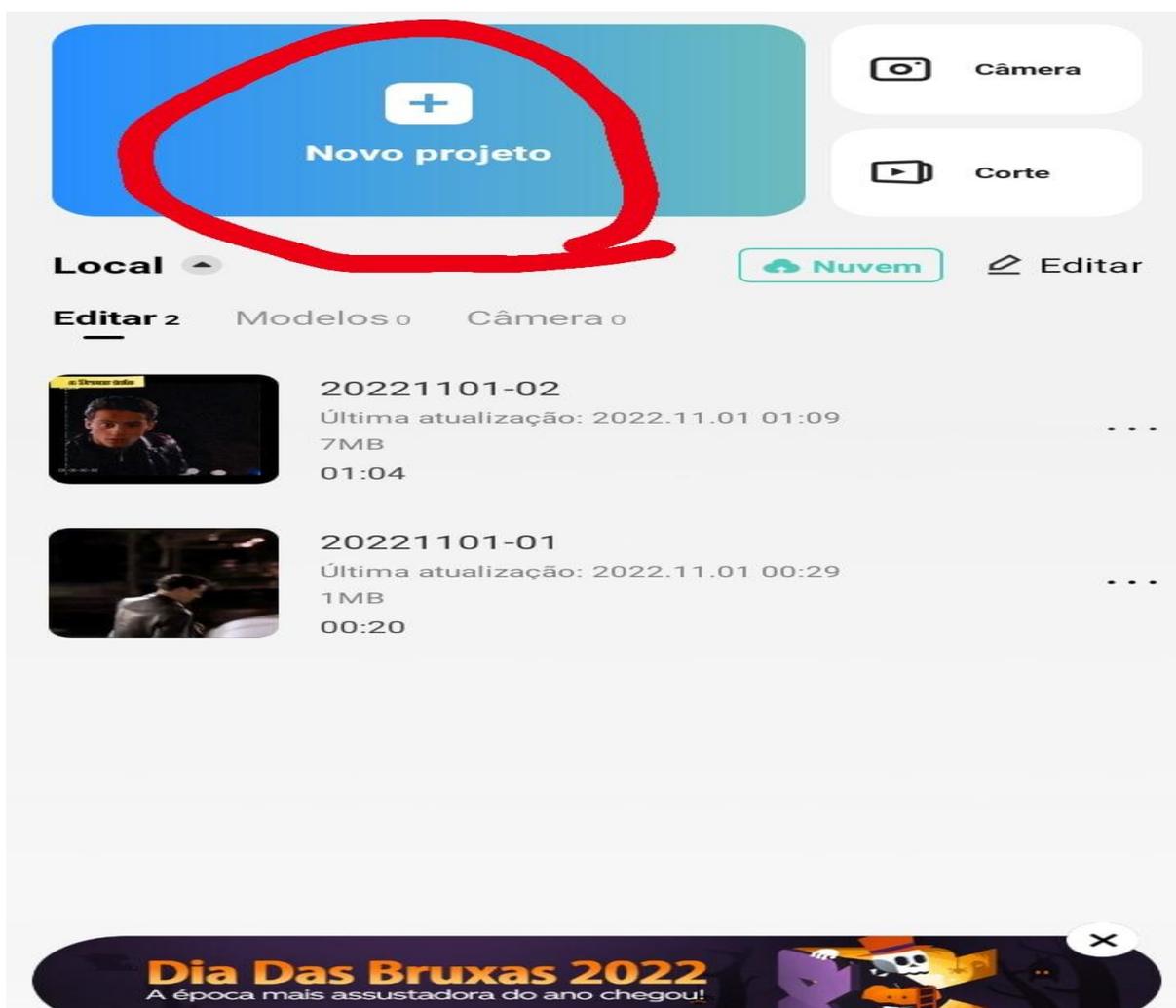
3.2 Como editar um vídeo e postar no youtube para incrementar sua aula

Os recursos audiovisuais são fontes de experiências e metodologias no que diz respeito à atividade docente, portanto é importante saber lidar com essa ferramenta de uma maneira abrangente. A partir disso, o PIP FILO desenvolveu em parceria com a professora Noeci Carvalho da disciplina de Tecnologias Contemporâneas do curso de Teatro, uma oficina na qual foi trabalhada a edição de vídeos dentro da perspectiva educacional e tecnológica.

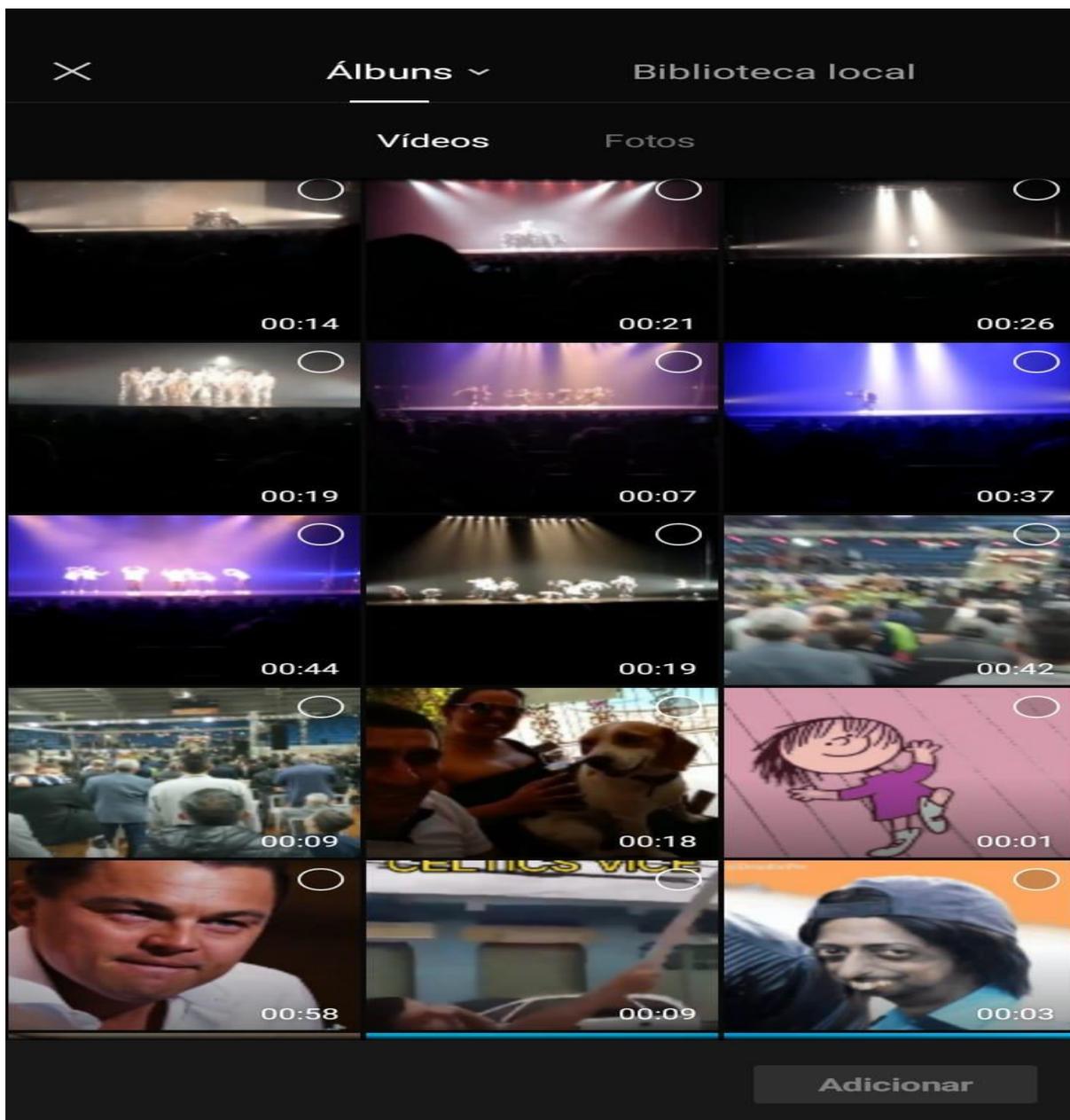
A partir do *Capcut*, foi possível desenvolver a oficina. Nele, aprendemos os primeiros passos na edição de vídeo e demais recursos audiovisuais que este aplicativo nos proporciona. O passo a passo pode ser encontrado no nosso canal do PIP FILO no Youtube por meio do QR code abaixo. Aponte a câmera do seu celular para escanear.



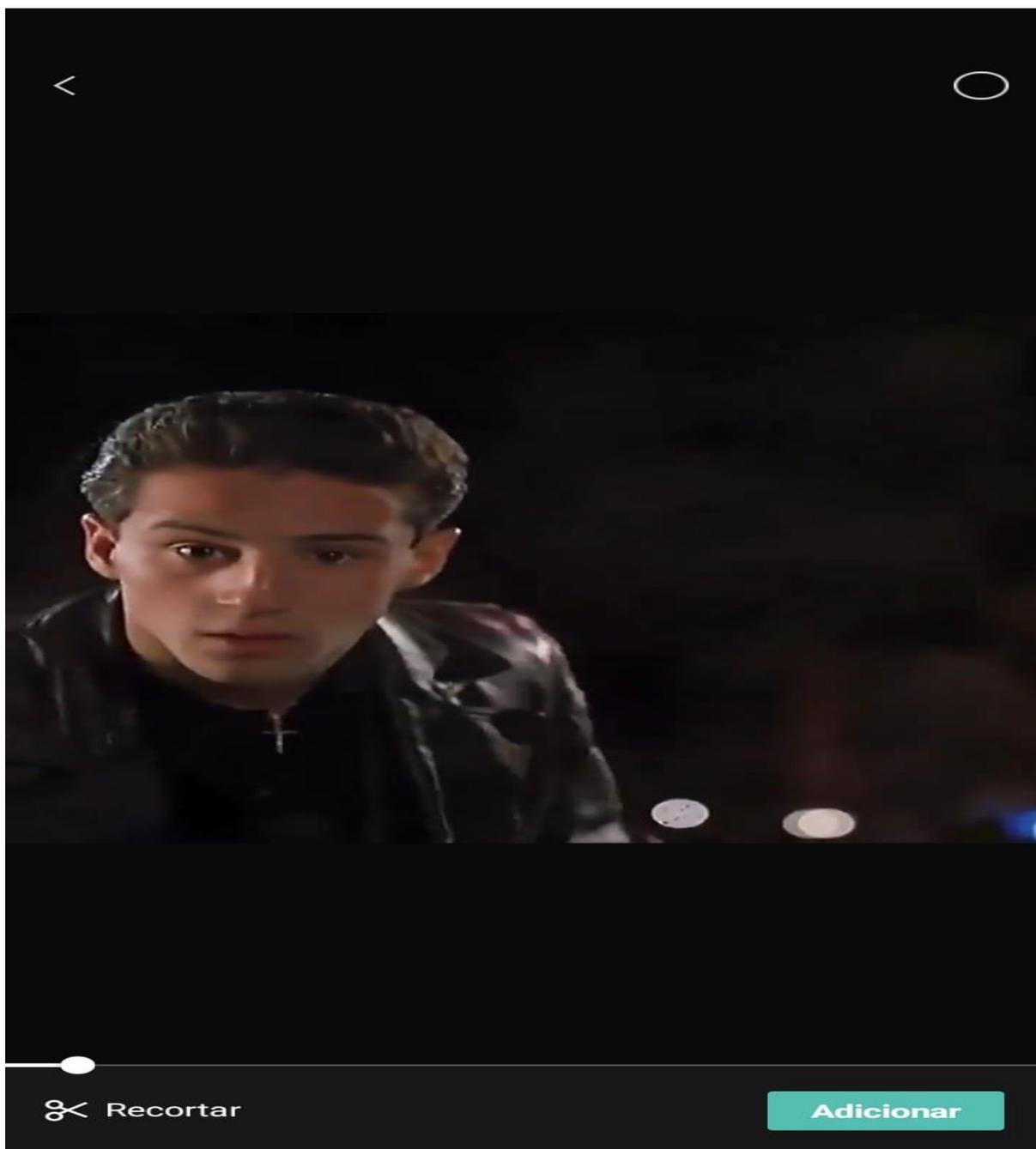
Passo 1. Na página inicial, clique na opção “novo projeto” para iniciar uma nova edição. O botão te levará às pastas de mídia.



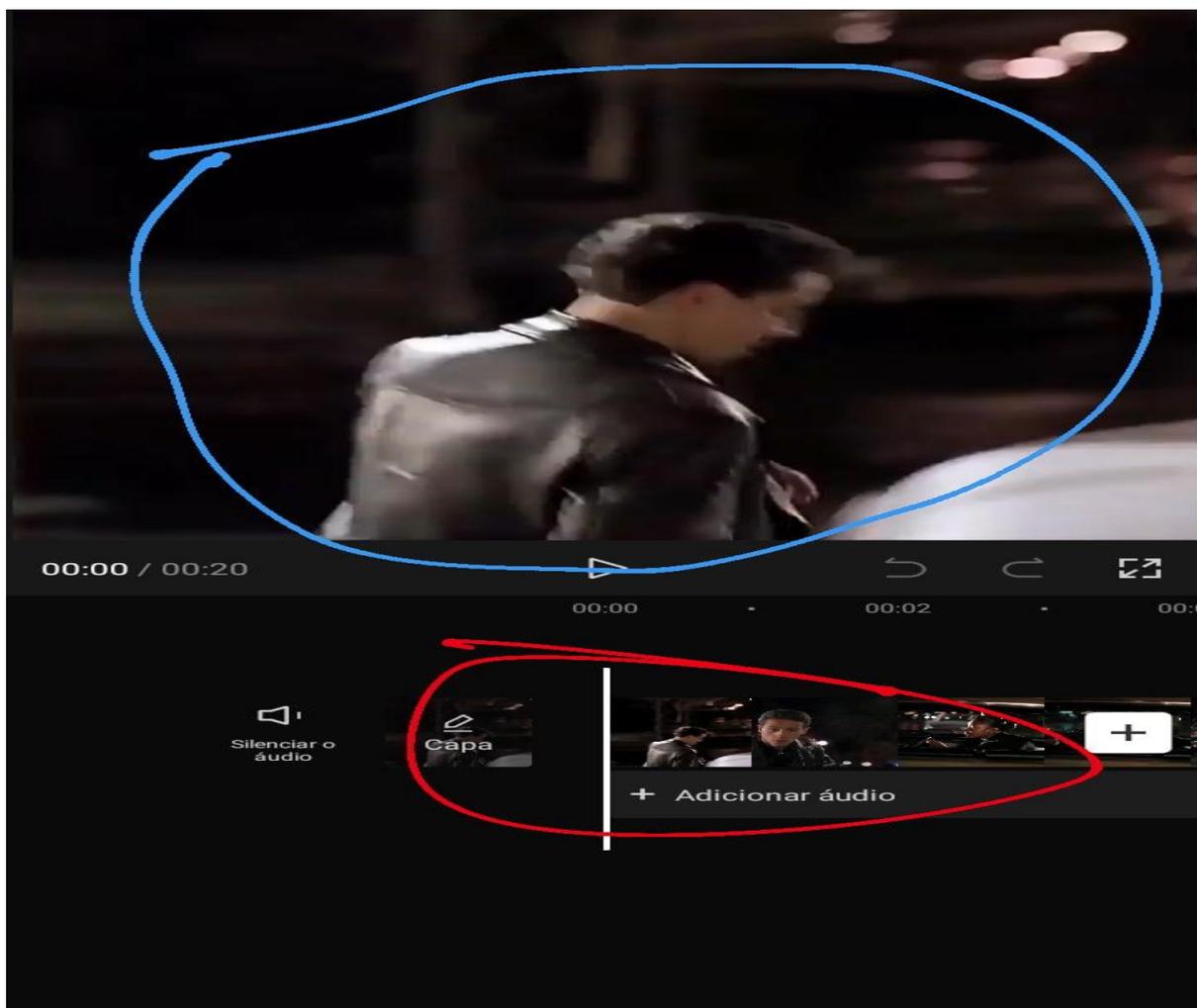
Passo 2. O aplicativo irá mostrar todos os seus arquivos de mídia salvos na memória, portanto é nessa parte que você irá localizar o vídeo, imagem ou áudio que deseja editar.



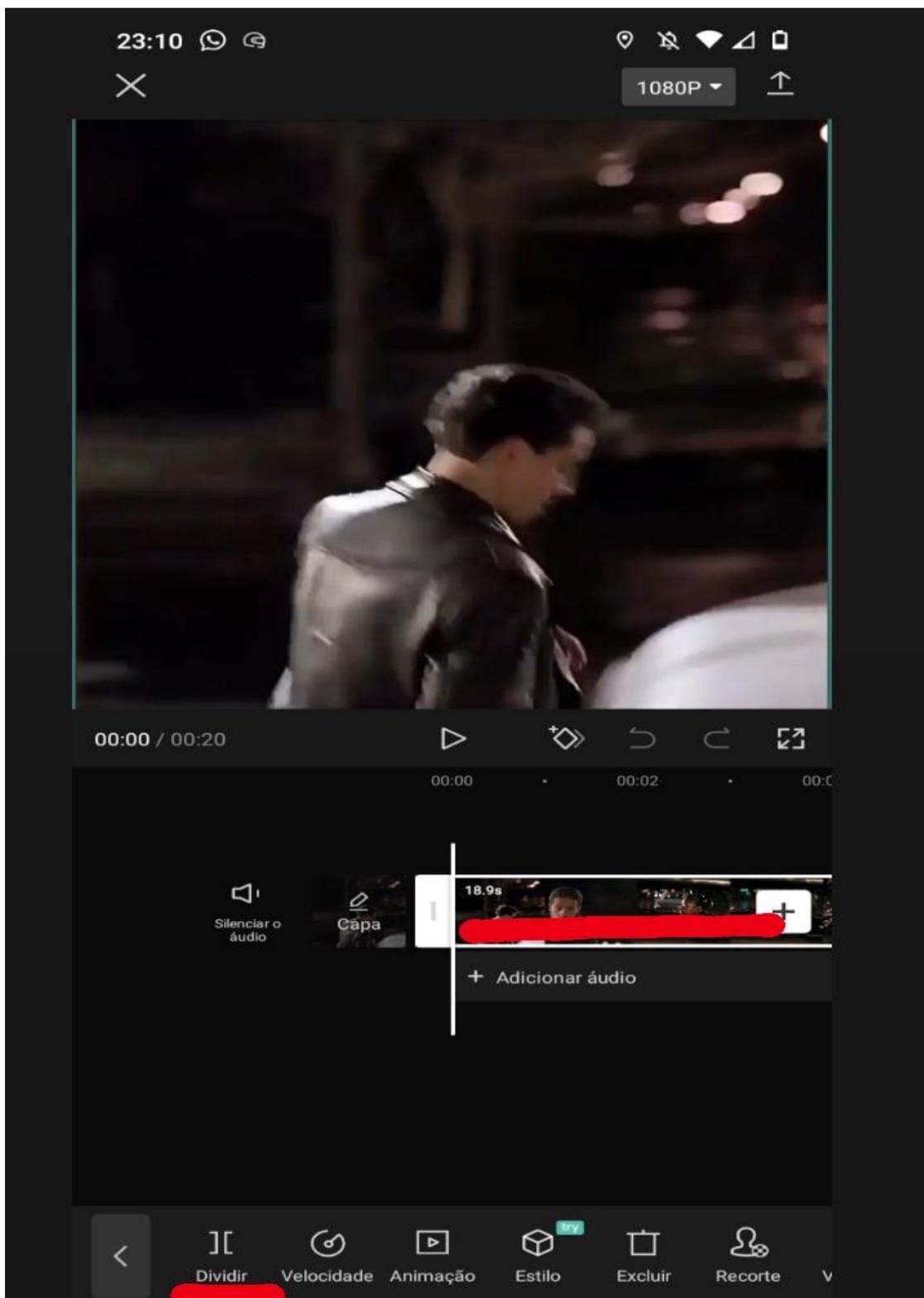
Passo 3. Depois que você selecionar algum arquivo, o aplicativo irá abrir uma pré-visualização, onde é possível reproduzir o vídeo para fazer qualquer mudança. Após visualizar o vídeo, clique no botão inferior direito "Adicionar".



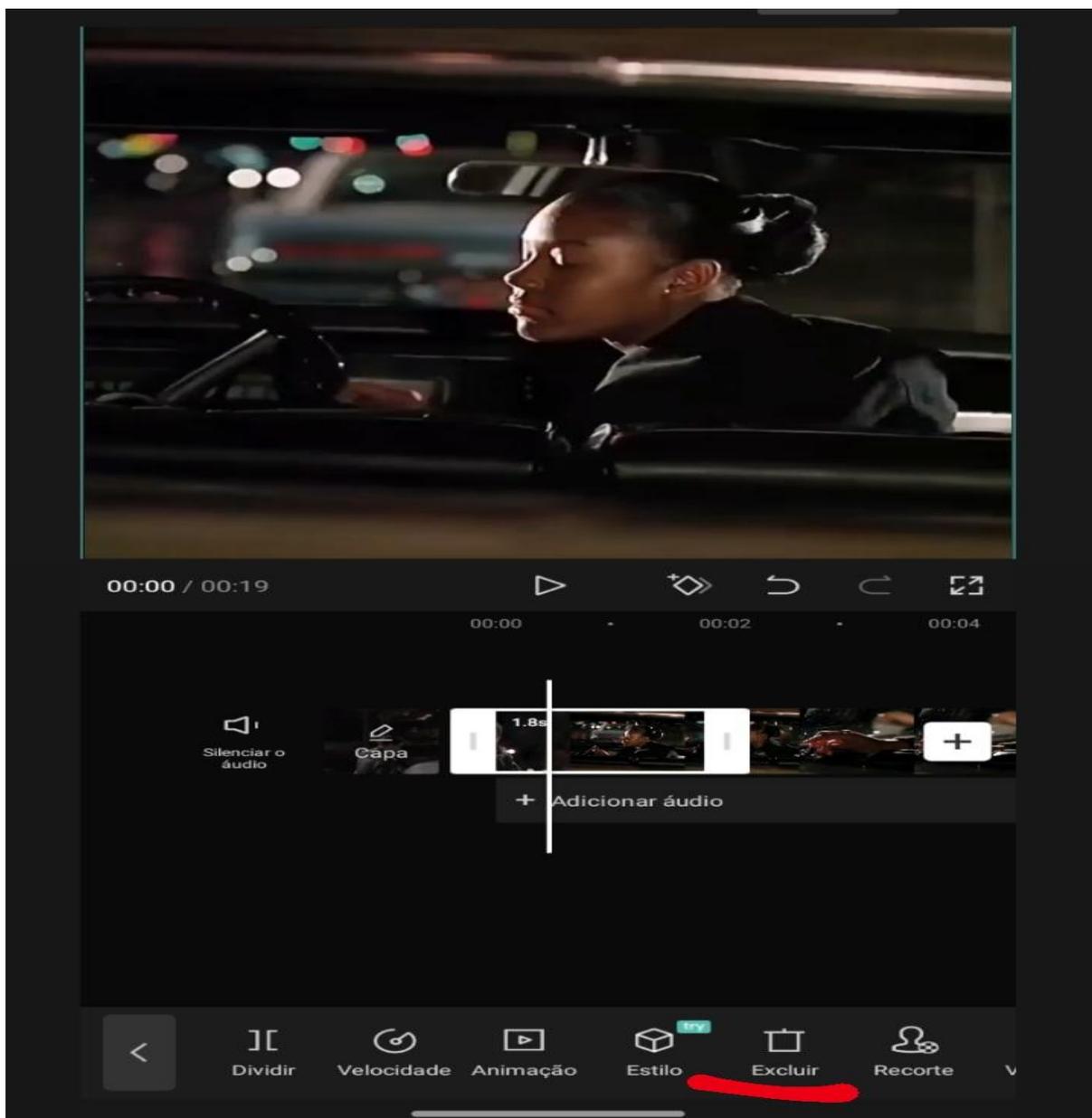
Passo 4. Após clicar no botão “Adicionar”, o aplicativo irá te redirecionar para o menu principal de edição, onde você terá acesso as principais ferramentas do aplicativo. Fique atento, pois o aplicativo irá mostrar o vídeo na parte superior para visualização do que está sendo feito no vídeo (destacado em azul na imagem abaixo), mas exibirá na parte inferior o filme do vídeo, onde você poderá localizar o frame que deseja editar (destacado em vermelho na imagem abaixo).



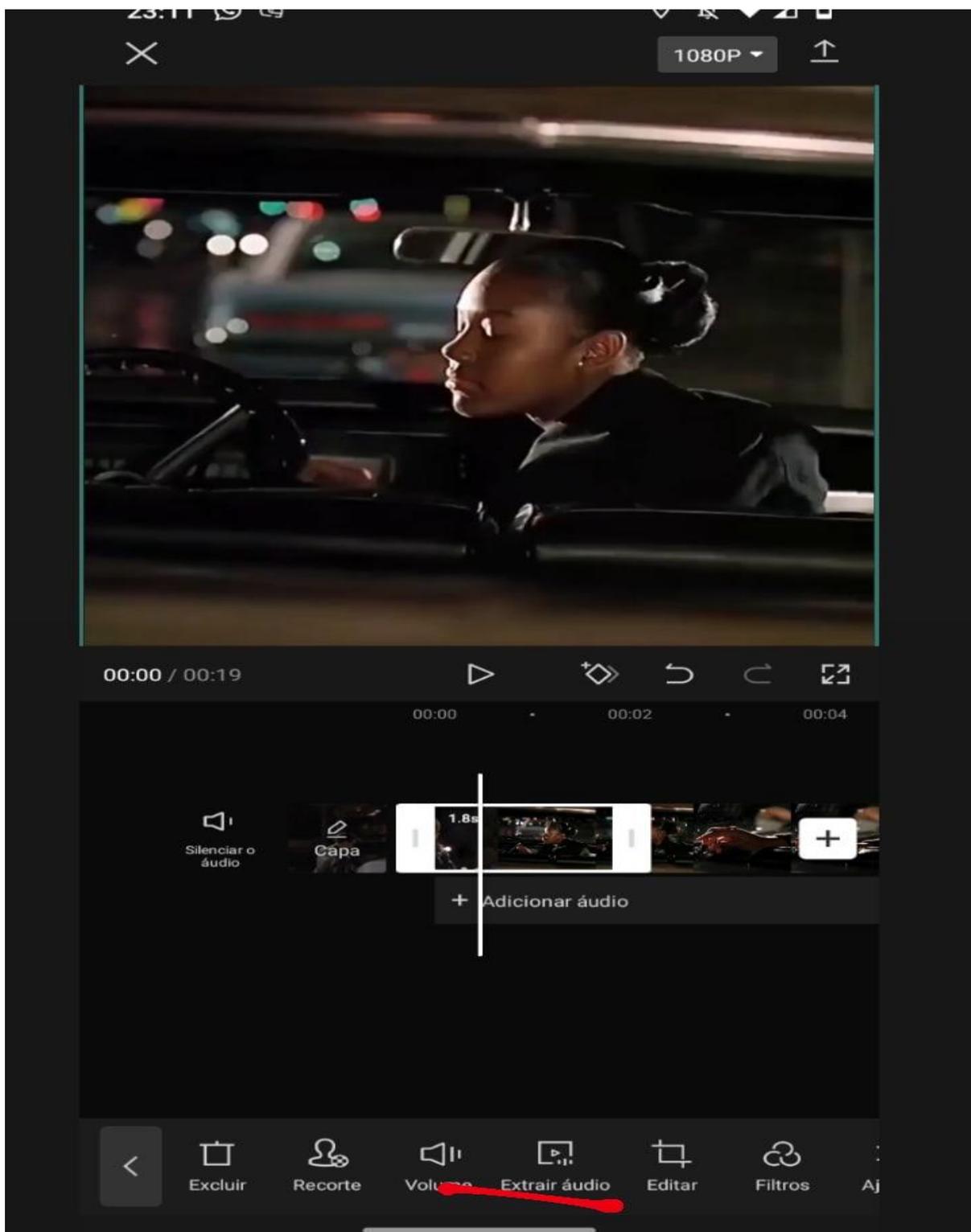
Passo 5. Agora, já temos acesso a todas as ferramentas de edição do aplicativo. Destas, a primeira que vamos conhecer é a de dividir. Ela serve para cortar, separar ou desfazer a ordem cronológica do vídeo. Ao clicar no filme do vídeo, o aplicativo mostra as opções de edição. Clique na primeira opção “dividir”.



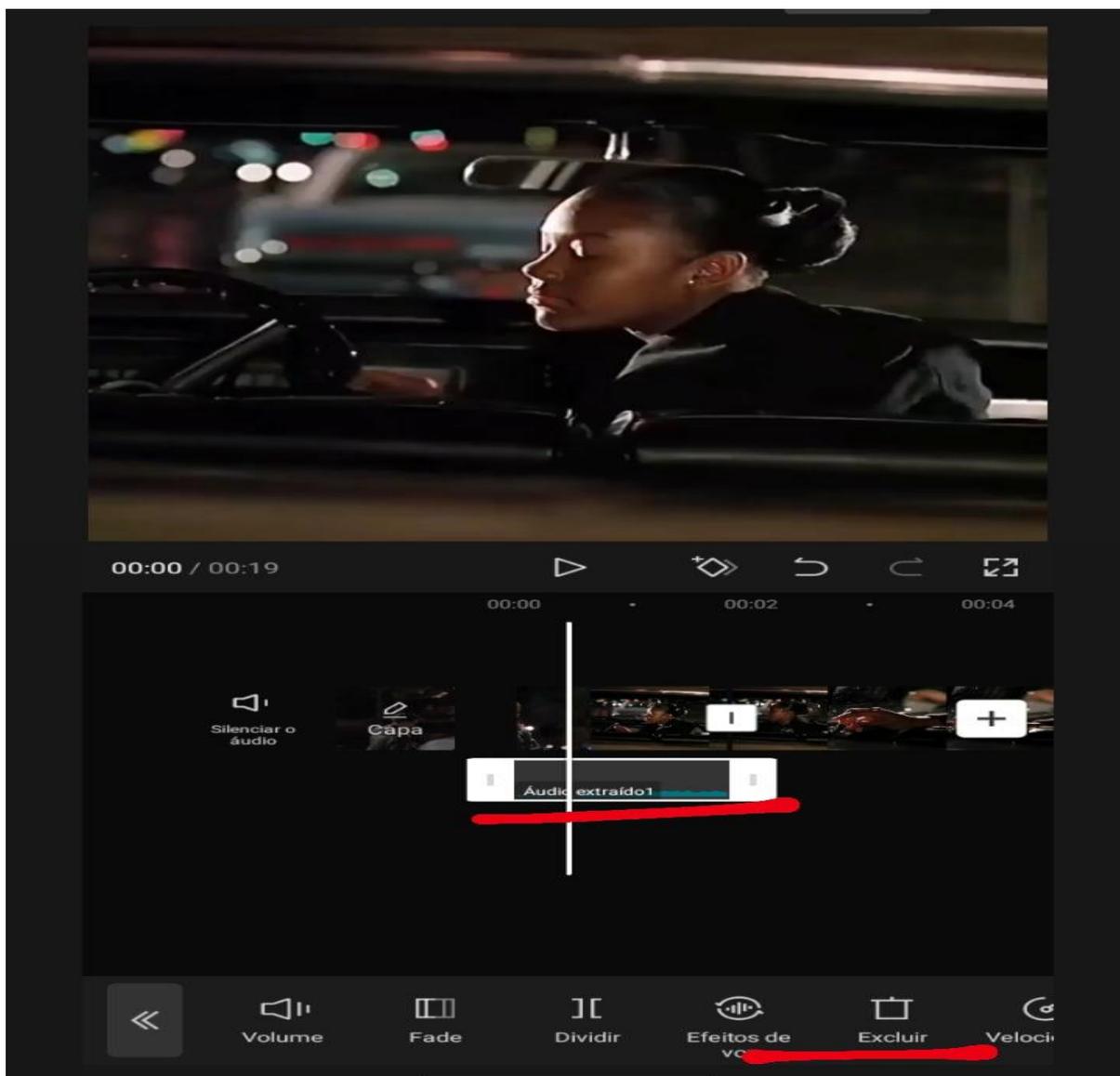
Passo 6. Após clicar em dividir, o aplicativo irá fracionar o vídeo. A partir dessa divisão, você poderá mudar a posição do vídeo arrastando a barra do filme para o lugar que você deseja ou clicar no filme e apertar na opção “excluir” se desejar apagar uma determinada parte do vídeo.



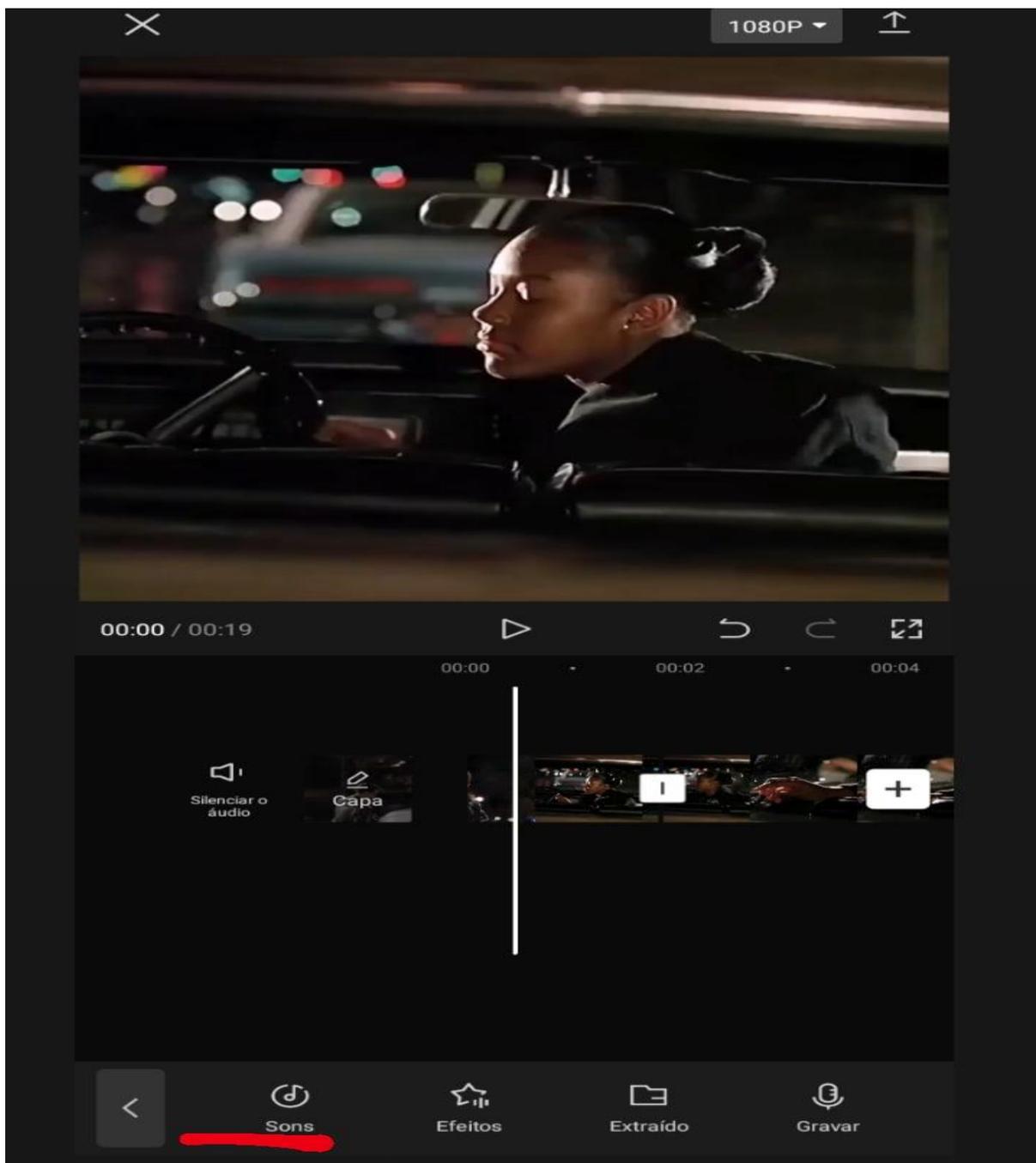
Passo 7. Outra importante ferramenta que o aplicativo oferece é a de “extrair áudio”. Nela podemos extrair o áudio de um vídeo para usá-lo apenas como áudio ou extrair um áudio para substituir por outro ou ainda deixar o vídeo sem áudio. Clique em “extrair áudio”.



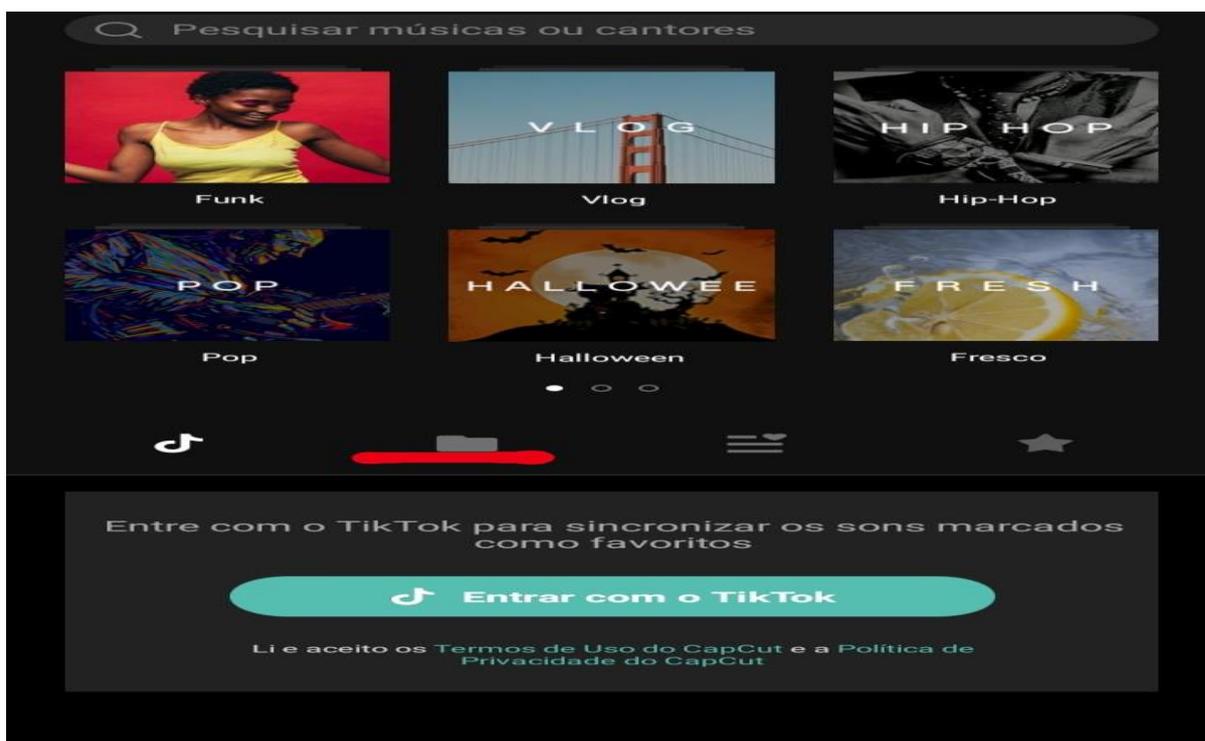
Passo 8. Agora, o áudio irá aparecer abaixo do filme do vídeo. A partir disso, você poderá usá-lo como deseja ou apertar no botão “excluir” se desejar eliminar o áudio.



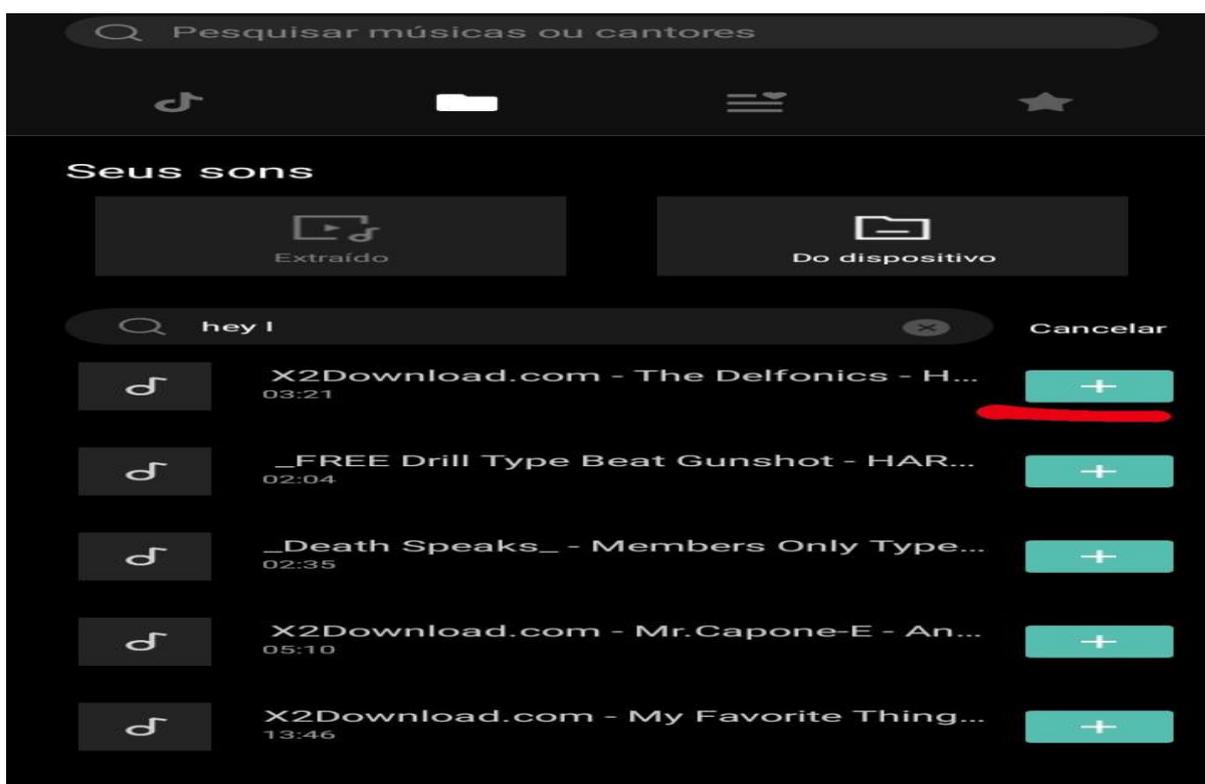
Passo 9. Depois disso, o próprio aplicativo oferece a opção “sons” para que você possa colocar outro no lugar. Se não deseja que o vídeo fique mudo, clique nesta opção.



Passo 10. Agora, o aplicativo te dará a opção de escolher algum áudio salvo na memória do seu dispositivo. Você também poderá usar os sons que o próprio aplicativo oferece. Caso tenha um áudio pré-estabelecido que queira adicionar, clique no formato da pasta.

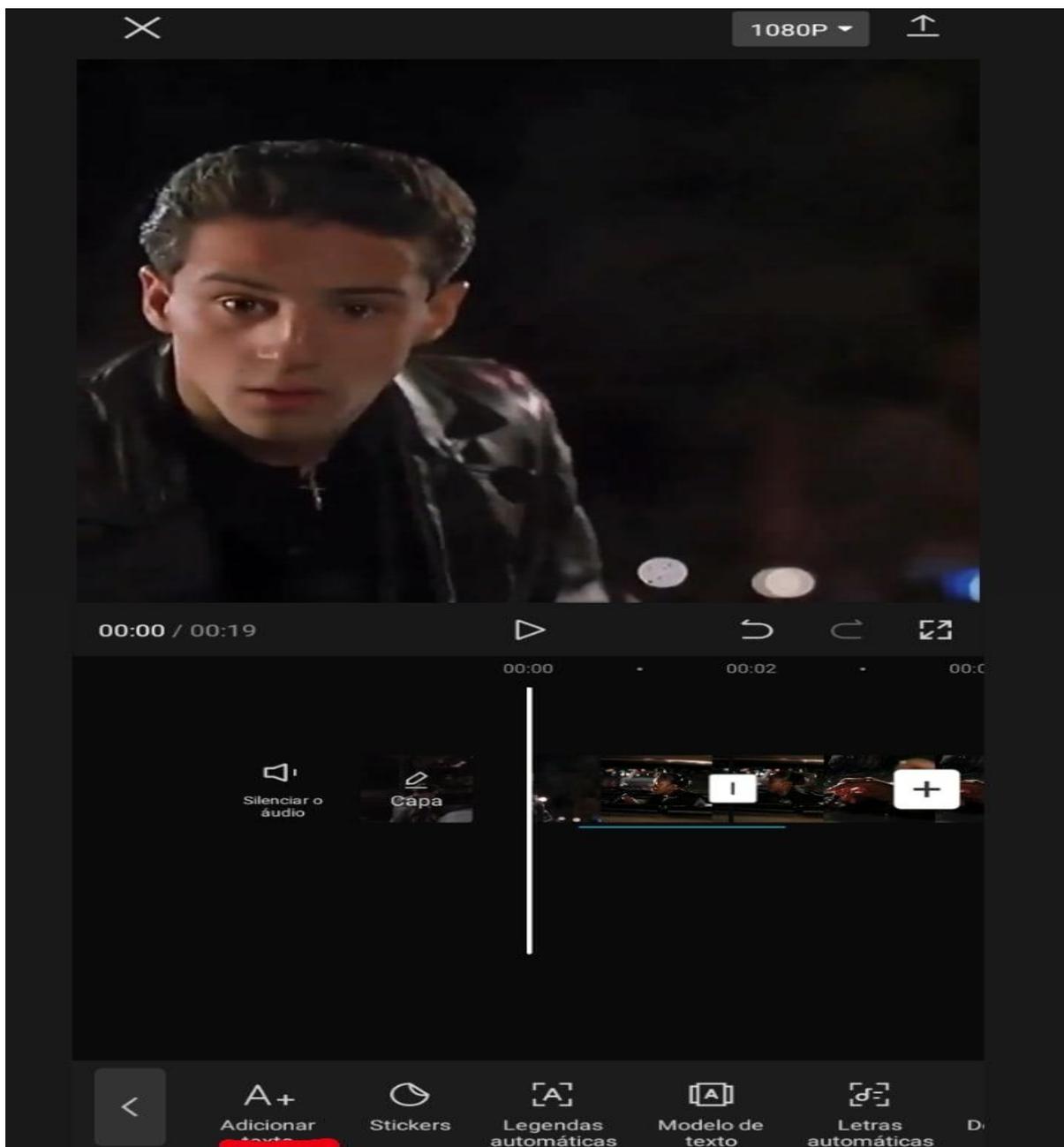


Passo 11. Clique em “meus sons”, localize o som que deseja adicionar e clique no botão de mais [+] ao lado do som. Depois disso, você deverá posicionar o áudio no momento em que você quer que ele comece e termine no vídeo.

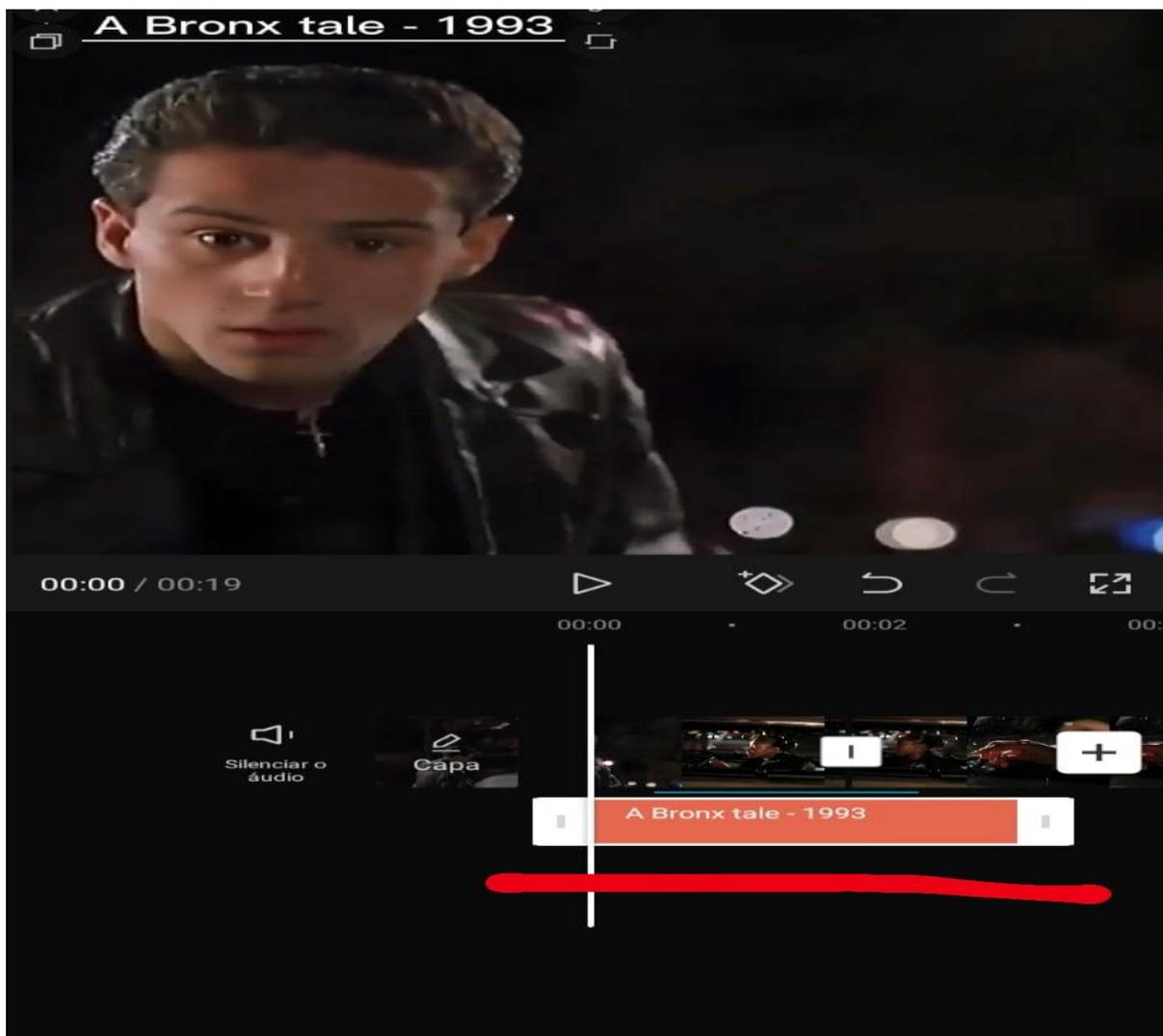


Passo 12. Agora, iremos aprender como se adiciona uma legenda no vídeo. Primeiro clique na opção “adicionar texto”. Ele abrirá uma caixa onde você poderá escrever a

legenda. Nessa mesma caixa você pode mudar a fonte, estilo, cor e adicionar algum balão na legenda.



Passo 13. Agora você poderá controlar o tempo que você quer que dure cada legenda. Para posicioná-la na tela, basta clicar na legenda e encaixar onde melhor se enquadra.



Pronto! Agora que você aprendeu o básico, já pode editar e criar seus próprios vídeos para trabalhar em sala de aula. Os aplicativos de edição de vídeo atualmente são bem intuitivos e fáceis de usar, mas mesmo assim, ainda vemos inúmeras dificuldades na implementação de TDICs em sala de aula. Dessa forma, esperamos que esse tutorial sirva de auxílio para práticas docentes e discentes com tecnologias digitais.

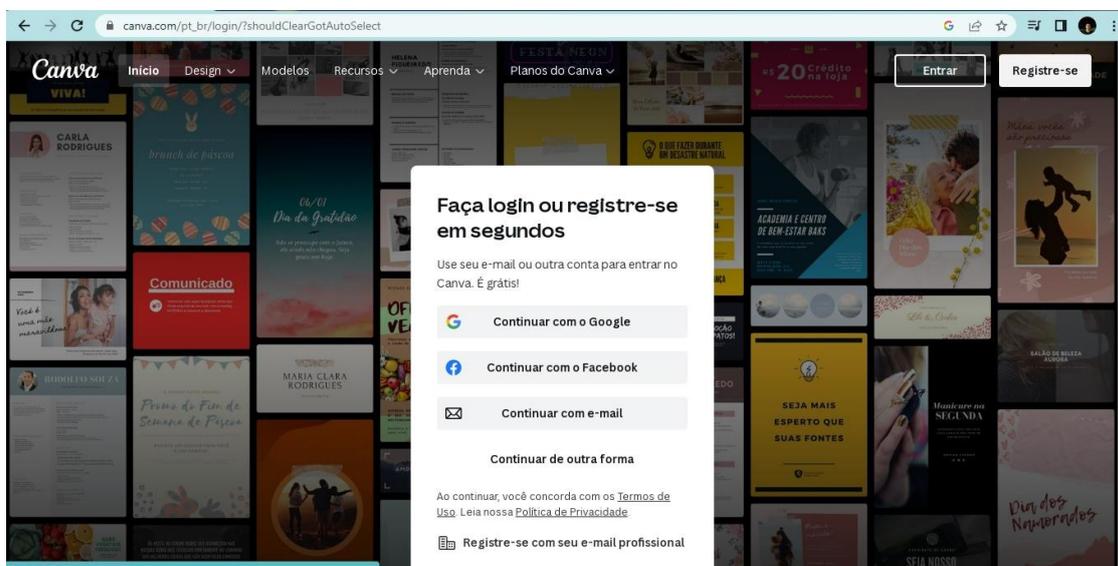
3.3 Uso do canva no trabalho discente e docente

O uso de recursos ilustrativos pode acrescentar aos docentes e discentes uma ferramenta didática para as aulas. Criando a possibilidade de desenvolver algumas dinâmicas de organização do conteúdo, divulgação de algum trabalho ou mesmo organização pessoal. Neste sentido, o PIP FILO juntamente com a profa Noeci Carvalho, da disciplina de Tecnologias Contemporâneas do colegiado de Teatro da

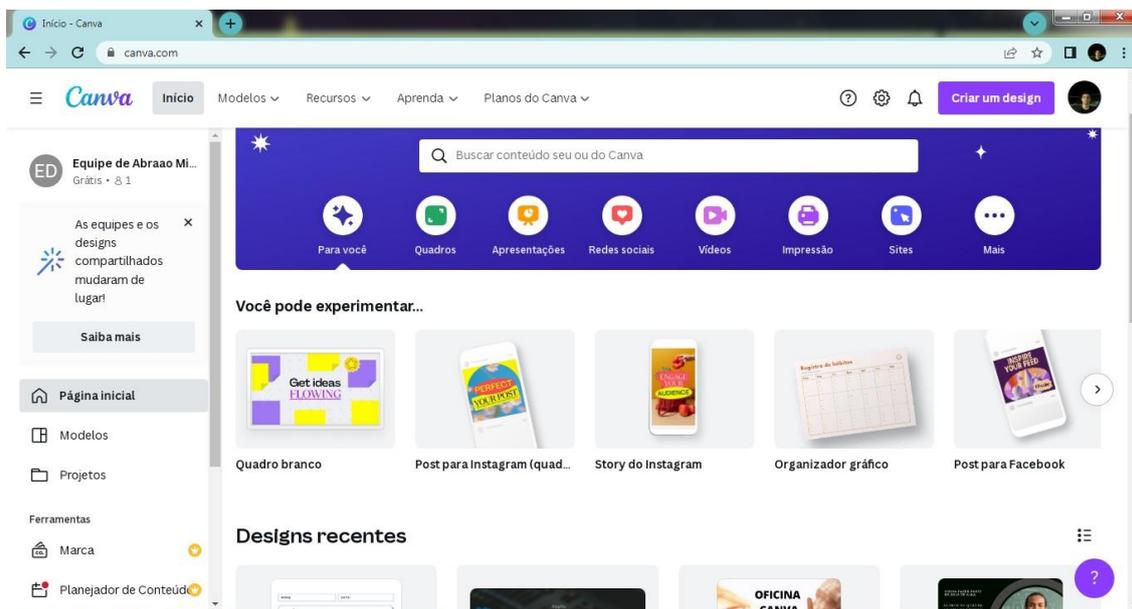
Universidade Federal do Tocantins, desenvolveram uma minioficina de Canva para os alunos do curso.

A plataforma Canva é um espaço digital feito para a criação e edição de designers se destacando por sua acessibilidade funcionando em navegadores e aplicativos *mobile* (*android* e *iphones*) apresentando a maioria das suas funcionalidades de maneira gratuita, podendo ser feito um *upgrade* por assinatura caso o usuário deseje. As utilidades aqui apresentadas vão ser focadas na versão gratuita.

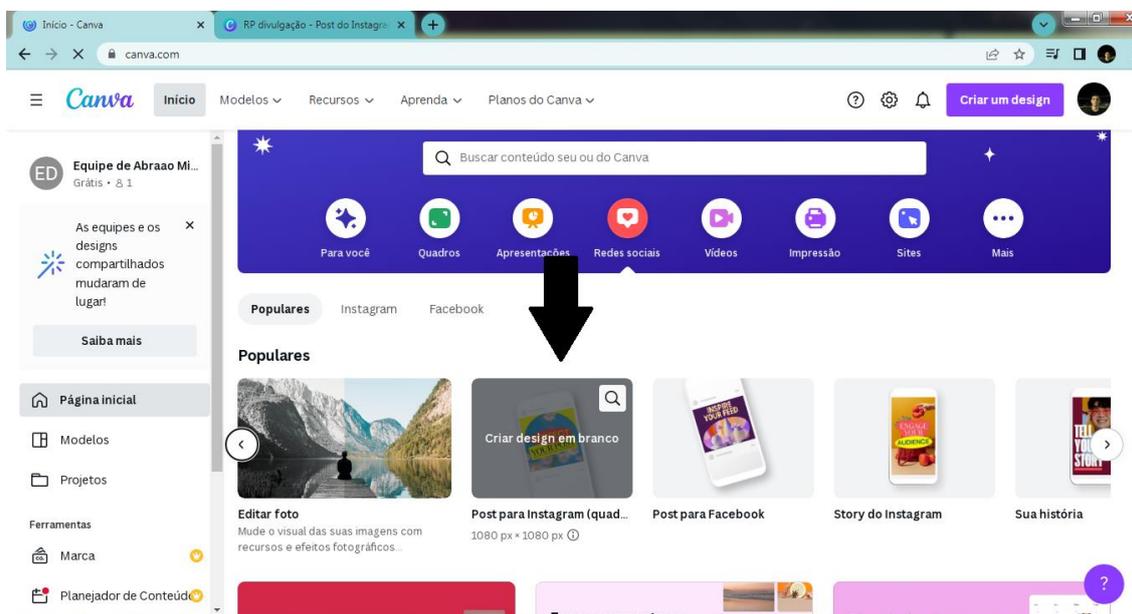
PASSO 1. Primeiramente, para conseguir o acesso à plataforma é necessário criar uma conta de acesso, isso pode ser também utilizando o e-mail Google, ou a conta do Facebook.



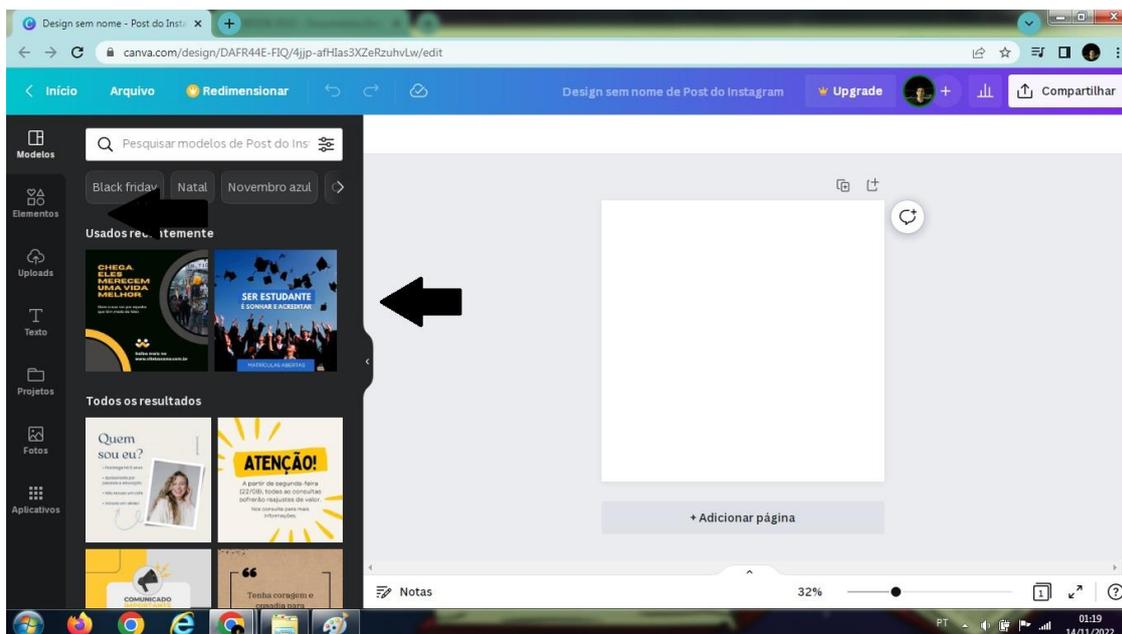
PASSO 2: Após entrar na plataforma, você será direcionado para página inicial onde aparecem diversas funções da plataforma e onde podemos acessar os modelos de designers pré-formulados ou aqueles que já criamos. Na parte superior, tem uma barra que mostra alguns tipos de templates que o Canva possui como apresentações de *slides*, *post* para redes sociais ou mesmo cartazes para impressão. Para começar um designer basta apenas clicar no modelo de interesse.



PASSO 3: Ao clicar no modelo que deseja criar, vai ser criado um designer em branco com o tamanho de imagem feito para aquela necessidade, por exemplo 1080x1080 para post padrão no instagram ou 1080x1920 que seria o enquadramento de stories.



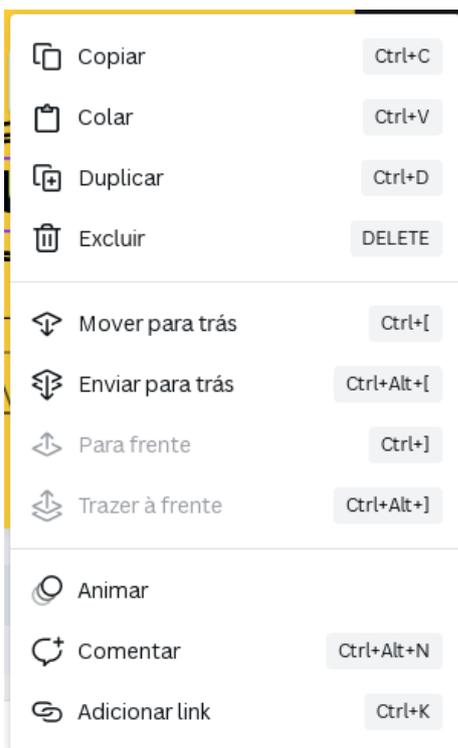
PASSO 4: No designer em branco ao lado, há os modelos/templates prontos que podem ser utilizados mudando a suas informações para atender às nossas necessidades. No caso do aplicativo para android e iphones essa barra de templates e ferramentas fica na parte inferior.



Designer gratuito disponível para edição



PASSO 5: Para editar as informações e detalhes de um modelo pronto basta clicar no elemento gráfico que deseja editar, mudar de lugar ou excluir. O Canva funciona com um modelo bem intuitivo de clicar e arrastar com o mouse os elementos.

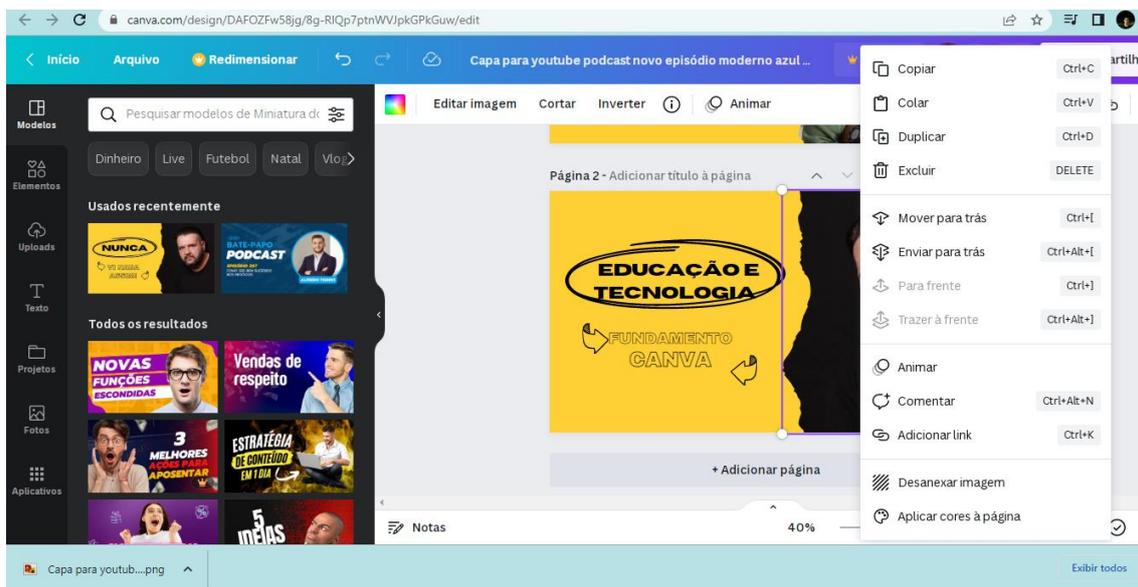


Este é o menu que aparece ao clicar em algum elemento do modelo com o botão direito do mouse.

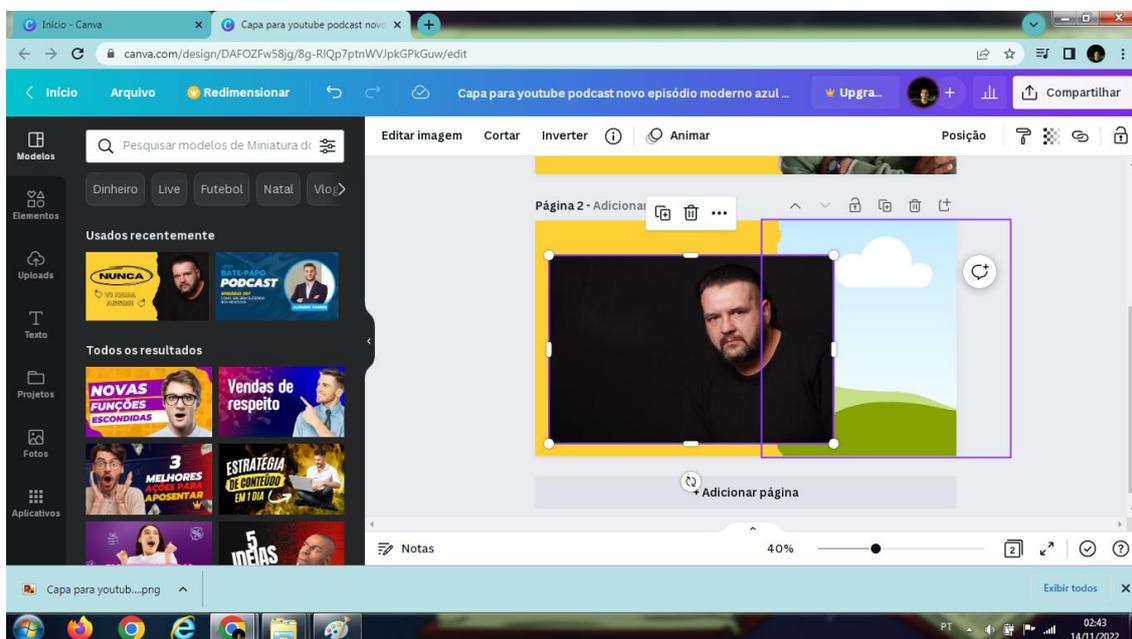
PASSO 6: Para editar o texto, basta clicar no já existente, apagar o que está escrito e escrever a mensagem desejada. Para adicionar mais texto, basta clicar no ícone de texto na parte esquerda da plataforma ou na parte inferior no caso do aplicativo.



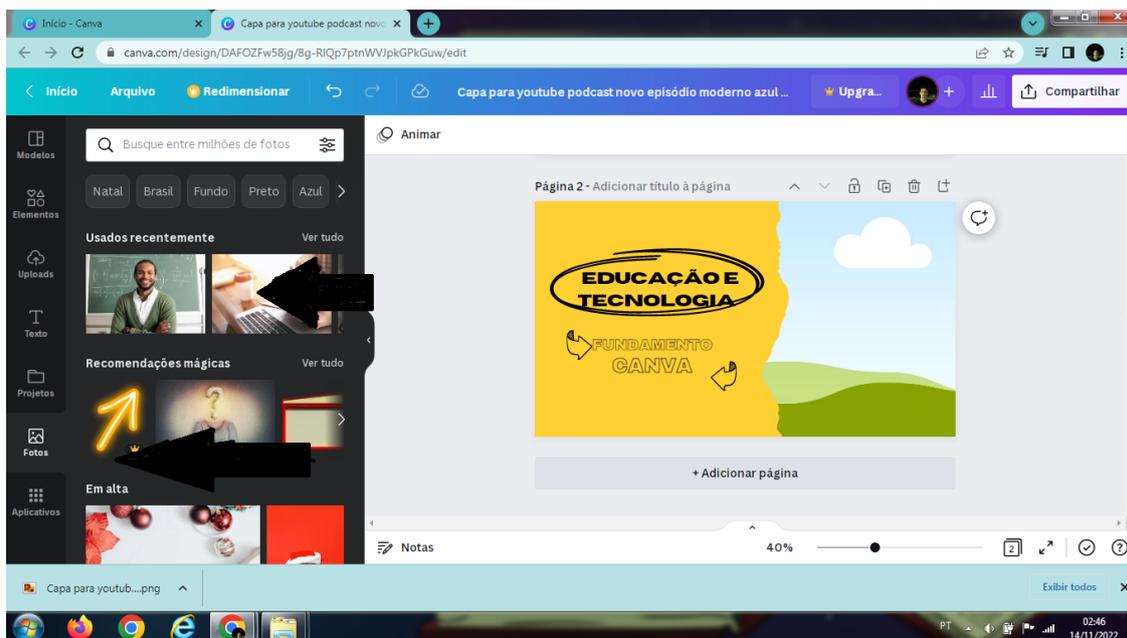
PASSO 7: Para substituir a imagem utilizada pelo modelo original clique, na imagem com o botão direito do mouse e selecione a opção de “desanexar” imagem.



PASSO 8: Exclua a imagem utilizada no modelo base. Pode ser feito clicando na imagem agora desanexada e clicando no ícone de lixeira ou clicando com o botão direito e selecionando a opção deletar.



PASSO 9: Para buscar imagem que irá fazer parte do nosso designer, basta clicar no ícone escrito foto na parte esquerda da plataforma e utilizar a parte de busca (aquela com a lupinha) para pesquisar alguma imagem que encaixe no contexto conforme a imagem. No caso, estava salva a imagem de um professor por fazer parte do contexto do projeto



PASSO 10: Ao clicar na imagem selecionada e arrastar para onde está a foto anterior, ela irá se encaixar na janela deixada "livre" de moldura no modelo.



Designer finalizado. Parabéns!

Comparação do **modelo base** com o **projeto finalizado**, abaixo:

Modelo base



Projeto designer finalizado

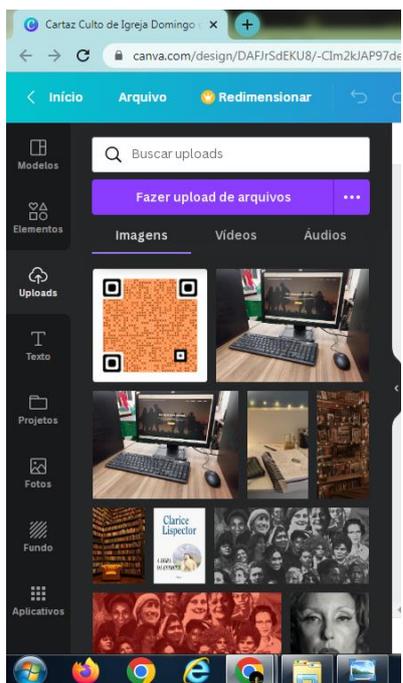


Para criar um designer sem molde pronto, pode-se utilizar os recursos apresentados aqui, mas com fotos, fundos próprios fazendo *upload* ou recursos já existentes dentro da plataforma.



Fonte: Designer feito utilizando modelo com elementos acrescentados através de upload de imagens

Para acrescentar uma imagem ou outros arquivos basta clicar em upload no menu e clicar em fazer upload de arquivos.



Após ter feito isso, os arquivos anexados a sua conta estarão disponíveis para serem utilizados na plataforma, dando maior possibilidade de desenvolvimento dentro dos projetos. A plataforma também mostra a paleta de cores utilizada nas fotos para auxiliar na escolha de cores e elementos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas no Programa de Inovação Pedagógica em Filosofia nos levaram a refletir sobre a transformação significativa que esse trabalho pode oferecer à educação formal. Ao explorar novos métodos e abordagens, buscamos não apenas enriquecer o ensino da filosofia, mas também inspirar uma mentalidade inovadora. Com base nisso, oferecemos um pequeno retrato de nossa experiência de trabalho e um pequeno manual para auxiliar os estudantes e formadores no desenvolvimento e formatação de seus trabalhos acadêmicos.

Ao encerrar este e-Book, convido os leitores a adotarem práticas inovadoras em suas salas de aula, promovendo um ambiente educacional mais dinâmico e estimulante. E os estudantes, convidamos a fazer bastante uso deste livro em suas dúvidas e práticas acadêmicas. A jornada pela inovação pedagógica em filosofia é contínua; e, cada passo que damos, contribui para uma educação mais envolvente e relevante.

Chegamos ao fim dessa incrível Jornada de conhecimento. Um viva e parabéns a você que nos acompanhou até aqui. Foi show!



Foi ótimo te acompanhar nessa leitura. Agradeço a oportunidade de estar em sua companhia.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9ª edição. São Paulo: Atlas, 2009.
- AQUINO, Tomás. **O ente e a essência**. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2019.
- BACON, F. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRA, Eduardo Salles de Oliveira; BARREIRA, Marcelo Martins. A intervenção como prática constitutiva do PROF-FILO. **Revista de Filosofia Kalagatos**. V. 18, N.2, 2021, p 140-156.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (CF)**. Brasília: Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Vol 1: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGMAN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia de aprendizagem**. Trad. Afonso Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2020.
- BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26421823_Notas_sobre_a_experiencia_e_o_saber_de_experiencia. Acessado em: 28/09/2022.
- CAMPOS, Vicente Falconi. **Gerenciamento da rotina do trabalho do dia-a-dia**. Nova Lima: INDG Tecnologia e Serviços Ltda., 2004.
- CARVALHO, Roberto Francisco; FREIRE, Juciley; ROCHA, José Damião; CHAGAS, José Soares. **Educação escolar no Tocantins: política, currículo e prática**. Curitiba: CRV, 2021.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DE PAULA, Gilles B. **Plano de Ação: o passo a passo**. Disponível em: http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/07/20180409-Plano-de-Acao-O-passo-a-passo-Etapa_III.pdf. Acessado em: 27/09/2022.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 17ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESCRIBANO, Alicia; DEL VALLE, Ángela (Org.). **El aprendizaje basado en problemas (ABP)**. Una propuesta metodológica en educación superior. Madrid: Narcea, 2008.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. rev. e mod. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5ª ed. Trad Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 17ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o Óbvio**. Disponível em: http://www.bilinguagem.com/ling_cog_cult/ribeiro_1986_sobreoobvio.pdf. Acessado em: 23/11/2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. tradução. Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT. **Manual de normalização para elaboração de trabalhos acadêmico-científicos da Universidade Federal do Tocantins**. Organização: Núbia Nascimento, Alcebíades Lira, Nilo Júnior, Paulo Almeida e Edson Oliveira. Revisão: Solange Bitterbier e Líria Graff. Palmas-TO, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT. **Resolução 05/2020**. Política de Extensão da Universidade Federal do Tocantins e outras Providências. Palmas: CONSEPE: 2020.

